

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA • DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 • AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

O BAIRRO DOS PESCADORES de MONTE GORDO

PROMETEU o sr. comandante Henrique Tenreiro, deputado pelo Algarve e presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, que este ano seria, finalmente, inaugurado o bairro dos pescadores de Monte Gordo. A promessa foi feita ao sr. José Victor Adragão, presidente da Câmara Municipal deste concelho. Portanto, os pescadores da linda praia vão ter, ainda este ano, as suas casinhas modestas, mas limpas e oferecendo conforto, as quais substituirão as cabanas de colmo, desconfortáveis e anti-higiênicas, onde vivem (!), numa promiscuidade condenável, famílias numerosas.

Parece-nos que a maneira mais espectacular de celebrar a inauguração do bairro é lançar fogo às gentílicas cabanas, o que constituirá, além de coisa vistosa, medida de profilaxia e de defesa contra a expansão de insectos assaz incomodativos.

OS NOSSOS AMIGOS

Ao apelo feito no *Jornal do Algarve* no sentido de os nossos amigos e prezados leitores diligenciarem obter maior número de assinantes para que o nosso jornal possa continuar no nível actual, sem descair na excessiva modestia gráfica e informativa de que padece uma parte da imprensa regional portuguesa, corresponderam, com muito entusiasmo e presta diligência, os nossos amigos, srs. Alfredo da Cruz Rodrigues, da Beira (África Oriental Portuguesa), Duílio Diocleciano Caleça, de Viseu, Eurico Santos Patrício, de Armação de Pera, José Martins Rodrigues, de Lisboa, João Manuel Socorro Domingues, de Faro, J. Sarmento, de Lisboa, Manuel Duarte Guerreiro, de Setúbal, Rogério Marques Bila, de Albufeira, Norberto Tenório, Joaquim de Almeida Mortágua, Jorge Alberto Farinha, Manuel Delgado Garcia, João Carlota e Emilio Santos Ferreira, de Vila Real de Santo António, a quem manifestamos o nosso agradecimento.

Obrigatoriedade do uso de aros de borracha

Como é do conhecimento público, entra em vigor no próximo dia 1 a postura que estabelece o uso de aros de borracha nos veículos de tracção animal.



PORQUE GOSTO DA MINHA TERRA MONCARAPACHO

MONCARAPACHO é uma das mais típicas e acolhedoras aldeias da terra Algarvia e tem fama a sua agricultura, nomeadamente os seus vinhos, que são considerados os melhores destas soalheiras terras do Sul.

Enquanto tantas lindas terras algarvias não encontraram ainda entre os seus filhos um que justificasse em prosa a razão por que gosta dela, Moncarapacho tem na menina Maria Rosa de Jesus Correia uma filha apaixonada, que nos descreve, com entusiasmo e com carinho, a terra onde nasceu, e de tal sorte que ficamos desejosos de conhecer a simpática aldeia.

E cá ficamos à espera de que outras raparigas e rapazes algarvios nos digam porque gostam da sua terra.

(Ver artigo na 4.ª página)

MÚSICA POPULAR NO ALGARVE



O orfeão da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, o mais prestigioso agrupamento coral do Algarve, da regência do nosso prezado colaborador Sebastião Leiria, a quem se deve uma intensa e frutuosa propaganda da música.

(Ver notícia na 4.ª página)

A DEFICIENTE DISTRIBUIÇÃO DO CORREIO

OCASIONA GRAVES INCONVENIENTES

DE um assinante local do *Jornal do Algarve*, recebemos a seguinte carta, à qual não faremos qualquer comentário, visto que ele é dispensável:

Sr. director do *Jornal do Algarve*

Como pessoa atenta aos problemas locais, não posso ficar indiferente à reclamação justa feita ao sr. correio-mor, através duma pequena local publicada no n.º 12 do seu apreciado jornal. E não posso ficar indiferente, porque a questão se reveste de mais gravidade do que aquela que a referida local aponta.

E' evidente que V. está no plentissimo direito de reclamar quanto à tardia distribuição do seu periódico, que sei ser feito com o afã necessário para que chegue a horas convenientes às mãos dos seus muitos leitores. Mas se estes só o receberem numa «segunda distribuição», não lhes acarreta o facto prejuízos de maior. O que já se torna prejudicial é a «primeira distribuição» fazer-se bastante tarde, aos sábados, circunstância essa que cria dificuldades a alguns sectores económicos.

Como é sabido, costuma efectuar-se ao sábado o pagamento do peixe comprado na loja, durante a semana, e já tem acontecido serem recebidos, depois dos bancos fechados, os cheques destinados a tais pagamentos e enviados por industriais residentes noutras localidades. Só este exemplo — se outros não houvesse — seria suficiente para mostrar os inconvenientes da distribuição postal não se fazer com mais eficiência, pois ninguém ignora a série de transtornos que uma tal anomalia

convenientes da distribuição postal não se fazer com mais eficiência, pois ninguém ignora a série de transtornos que uma tal anomalia

Conclui na 6.ª página

“NOTÍCIAS DO ALGARVE”

Entrou no quinto ano de publicação, circunstância que celebrou com um vistoso número, o nosso prezado colega local «Notícias do Algarve» que à nossa terra tem prestado serviços estimáveis e que consideramos um dos melhores órgãos da imprensa regional. Ao seu director, proprietário e a todos os que nele trabalham, apresentamos as nossas saudações cordiais.

O CAMPISMO

PRETEXTO AGRADÁVEL PARA SE AVALIAR DA CORTESIA DA GENTE POMBALINA

ALÉM de um desporto salubre, o campismo é uma escola de camaradagem e um veículo que contribui para um simpático entendimento entre os homens. A prova-lo está a carta que a seguir se transcreve, transcrição que fazemos com o maior prazer, agradecendo as elogiosas palavras do seu autor e agradecendo também à nossa gente a simpatia com que sabe receber aqueles que nos visitam.

Sr. director do *Jornal do Algarve*

Se é atribuição da *Imprensa Louvar os bons actos*, tanto como condenar os maus, permita, sr. director, que, com o nosso mais cordial louvor, solicitemos a V. a publicação destas linhas.

O caso que submetemos à apreciação de V. verificou-se em Vila Real, nessa laboriosa terra do Sul, reminiscência altaneira do grande Mar-

ATUM MARROQUINO

No mês findo, adquiriram-se por contrato ou licitaram-se na nossa loja 3.694 atuns das armadilhas de Marrocos, com o peso de 696.244 quilos e um valor superior a seis mil contos.

DEVE OLHAR-SE PARA FERRAGUDO QUE PARECE TER SIDO ESQUECIDA

FERRAGUDO—Dá-nos o *Jornal do Algarve*, que veio agitar com certo ar de mocidade e desejo de servir o Algarve, o ensejo de falarmos da nossa terra. Ainda bem, porque bem carece Ferragudo que os seus problemas sejam levados ao conhecimento de quem de direito, para que se procure dar-lhes solução. Desde 1945 que a população da localidade vem aumentando e não será exagero afirmar-se que ela triplicou. Este aumento de população determinou, como não podia deixar de ser, novas exigências tanto de ordem higiénica como de urbanização. Há necessidade de rede de esgotos, pavimentação de ruas, um lavadouro, uma escadaria para a Praia Grande, uma pastadeira no Largo da Feira, um mercado, um posto de policia e ainda que se limpe o cemitério, o qual, cheio de ervas, dá mais a impressão de um matagal que de um recinto onde repousam os restos dos nossos maiores.



O Castelo do Arade, em Ferragudo

Ferragudo, onde está situado o encantador castelo do Arade e que

O VALOR alimentar DO FIGO

DE um organismo científico estrangeiro, recebemos, acerca do figo, que tanto preocupa os nossos lavradores, a seguinte informação:

O figo é uma fruta muito apreciada e de boas qualidades nutritivas. O seu sabor e a variedade de preparações a que se presta levam-no, com frequência, a muitas mesas.

O figo fresco possui 16% de hidratos de carbono, 1,5% de proteínas e 30% de água.

O cálcio, o ferro, o fósforo, o magnésio, o sódio, o potássio, o cloro e as vitaminas A, B1, B2 estão presentes nessa fruta em pequeno teor, sendo maior a sua proporção, especialmente em ferro, no figo seco.

O figo é usado simplesmente, ao natural, acompanhado de creme de nata, em saladas de frutas, seco, recheado ou como recheio, em compotas, geléias e figadas, e até incluído em pratos salgados, como maionese, ou comido com presunto.

Embora não apresente excepcional valor nutritivo, o figo deve ser incluído nas nossas ementas, porque a par de seu sabor oferece-nos sais minerais e vitaminas.

proporciona ao recreio dos turistas as suas lindas praias de Angrinha e Praia Grande, é uma das freguesias que mais rendimento dão ao Estado, através do seu comércio, superior ao da sede do concelho, das suas lotas e da sua indústria, pois estão aqui localizadas algumas importantes fábricas de conserva.

Os melhoramentos de que carecemos têm uma finalidade estritamente utilitária e são indispensáveis ao progresso e à salubridade do povo. São eles — repetimos — os seguintes: rede de esgotos, mercado de hortaliças, posto de policia, para reprimir os abusos e reparação da subida do antigo Compromisso, onde está instalada a Junta de Freguesia e que, em vez de calçada, é um amontoado de pedregulhos que dificulta o trânsito de peões e de animais. Oferecem também aspecto vergonhoso o desarranjo junto à igreja e a passagem para as praias.

Apelamos para os filhos desta terra, a fim de que neles desperte o bairrismo necessário a elevar Ferragudo ao lugar que lhe compete e que conquistou pelo seu trabalho e pelo amor que sempre votou à Nação. — J. S. F.

ATUM para a nossa indústria

Procedente do alto-mar, entrou no nosso porto, com carregamento completo de atum para a indústria, o atuneiro «Rio Águeda», do comando do capitão Flávio Ramires Campos Pereira, propriedade da Empresa de Pesca de Aveiro.

quês, a qual todo o turista deve incluir no itinerário através do florido rincão português que se chama Algarve.

Fim de semana longo, o nosso «Opels», dois casais, duas barracas de campanha, saiu de Lisboa no sábado, 9 do corrente, e, passando por Évora e Beja, atingiu Mértola, para galgar, já ao anoitecer, as serranias, que são linda aguarela de sonho, cortadas pela magnífica estrada que nos leva a Vila Real de Santo António.

Falaram-nos, em Lisboa, de um retiro de Campismo, sobranceiro a Monte Gordo e, se bem que neófitos neste desporto, foi para lá que orientámos a marcha. Alcançamos, assim, a estrada do Farol, cerca das 23 horas.

Não conhecíamos ninguém ali, pelo que recebíamos não ser recebidos no acampamento.

As coisas, porém, decorreram de forma surpreendente, sendo esta circunstância que nos impõe o dever de felicitar Vila Real e manifestar o nosso agrado pelo gesto de cavalheirismo, pela amabilidade dos seus filhos.

Numa época em que a crise de solidariedade se transforma, por toda a parte, em perfeita grosseria, registamos, sinceramente comovidos, a nobreza de atitudes, a superior correcção, os requintes de gentileza dessa gente que tivemos a felicidade de encontrar.

Grupo de jovens de fina educação, chefiados pelo Ex.º sr. Joaquim Gomes Nêné, da agremiação campis-

Conclui na 5.ª página

A QUE OBEDECE tal decisão?

DARA apreciar a decisão do Instituto Português de Conservas de Peixe, que mandou suspender o fabrico de sardinha sem pele e sem espinha, reuniram-se em Olhão os industriais de conservas dos dois centros do Sotavento — Olhão e Vila Real de Santo António — os quais enviaram telegramas a esse Instituto, a pedir a suspensão de tal decisão, telegrafando no mesmo sentido ao Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Os industriais de conservas e pesca de Portimão tomaram atitude idêntica.

Ignoramos as razões estranhas a que obedeceu esta determinação do Instituto de Conservas.

Melhoria de comunicações FERROVIÁRIAS com o Alentejo

CHEGA-NOS a informação de que a C. P. está a estudar a possibilidade de estudar ligações na Funcheira com as automotoras Algarve-Lisboa e vice-versa, no sentido de a nossa provincia ficar rápida e comodamente ligada com o Baixo-Alentejo. Não seria demais, e prestaria a C. P. um ótimo serviço ao Algarve, se estabelecesse também uma marcha diária de automotoras no sentido inverso às actuais marchas. Então, sim, ficaria o Sul do País bem servido de comunicações ferroviárias.

A saúde é a maior riqueza

VERÃO E SEDE

Quando faz calor, o organismo elimina grande quantidade de água, diariamente. É por isso que, no Verão, o individuo sente muito mais sede do que no Inverno.

Procure atender às necessidades do organismo, bebendo muito mais água no Verão do que no Inverno.

MONTAGEM DA RÁDIO-COSTEIRA

Na sede da delegação do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, estão a decorrer os trabalhos de montagem do novo posto Rádio-Costeira, que substitui o emissor-receptor que deixou de funcionar há já bastante tempo. Trata-se de um melhoramento importante e bastante indispensável ao serviço da pesca. Espera-se que o novo posto comece a funcionar nos meados do próximo mês, em regime de permanência, atendido por três ou quatro operadores, escalonados.

APONTAMENTOS BARROCOS?

de CASIMIRO DE BRITO

16 — Jornalismo... ou peras

Sem dúvida, há jornalismo e jornalismo. No dizer o que há para dizer é que se distingue o bom do mau jornalista. Ainda porque, quando o jornalista ou a chama jornalística existe realmente, o assunto não é propriamente o problema principal. Os bons jornalistas fazem bom jornalismo, mesmo sem assunto: até o tema eterno — 'choje, não tenho nada para dizer'.

Porque se pode escrever que nada há a inspirar-nos o pequeno toque de Brulloff, nomeadamente quando o citado pequeno toque... consegue brotar do vazio.

O caso agora não era propriamente esse, mas, sem querer, foi esse mesmo. Pensava na diferença entre o jornalismo profissional e o que se encobre debaixo da capa do amadorismo. Concorro, também, que a diferença existe na palavra LIBERDADE. De acção, de desenvolver a acção, de conduzir a acção, de concluir, até.

O amador, quero dizer, o profissional não é seu. Pertence aos interesses de momento do jornal, e se o homem que segura a batuta se lembrar de o mandar fazer uma reportagem sobre cinquenta cascaéis que andam a mato, não há outro remédio senão tomar o carro (se houver carro) e marchar... O diabo é se aparece algum azelha soterrado numa montanha qualquer. Vira-se o disco, o profissional, revoltado, porém consciente, desata de novo a mandar, A MANDAR, e tudo acaba mais ou menos inesperadamente. (Afinal, eis-me a contar o filme de Billy Wilder, O Grande Carnaval).

Enfim, o jornalismo, como tudo o que na vida existe, é uma tremenda massada que (e aqui reside o fio da meada) se encontra polvilhada de alguns, se bem que poucos, momentos agradáveis. Disse a que os homens chamam Felicidade, a torto e a direito...

17 — Instalações desportivas

Continuo na minha: só se constróem almas sãs em corpos realmente sãos. A província necessita, URGENTEMENTE, de muitas instalações desportivas. Queremos, ao menos, já que no nosso tempo (sou um moço ainda) isso foi-nos proibido, ver os nossos filhos rosados, alegres e felizes, correrem nos ginásios e nas piscinas, alargando os peitos e sabendo sem complexos erguer os olhos para um Além que dignifique verdadeiramente...

Só se constróem almas sãs em corpos sãos. E para que os corpos sãos sejam, pelo menos AMANHÃ, uma realidade, convém que os métodos pedagógicos convirjam para esse quase esquecido elemento humano, que é a CRIANÇA...

Animatógrafo

TURISMO III

O turista atrás descrito, achando o sitio bonito, resolveu entre nós gozar as férias; boa pensão escolheu, das baratas e das sérias!

Ainda pensou no hotel, mas lera, em qualquer papel, certas notas sobre restaurantes não feitos e foi descalçar as botas junto a mais modestos leitos...

Surgiu manhã radiosa, amena, semi-calmosa, tempo lindo! De pequeno almoço «a bordo» vai o nosso homem seguindo com destino a Monte Gordo.

Saudando o dia e o sol toma a estrada do Faro, mesmo a pé; percorridos trinta metros, dois veículos, dois espectros, passam, com grande banzé...

Quase afogado em poeira, discorre desta maneira: «Uma estrada assim, com tanta frequência, sem estar alcatroada, é valente incongruência!...»

OPERANTE

Uma reclamação de Castro Marim

Dirige-se-nos um castromarinense, em nome dos habitantes das ruas 5 de Outubro e João de Deus, daquela vila, para que solicitemos das entidades competentes a remoção dos canifeiros que estão encerrados na arrecadação da Câmara Municipal e que incomodam os moradores, durante a noite, com os seus uivos e latidos.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua São João de Brito, telefone 81.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Embaixador do Canadá

Esteve alguns dias na nossa provincia, acompanhado de sua esposa, o sr. embaixador do Canadá em Lisboa, o qual, na sede do distrito, cumprimentou o sr. dr. António Baptista Coelho, governador civil.

Dr. José António Madeira

Foi agraciado com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública o nosso comprouvino e estimado amigo sr. dr. José António Madeira, astrónomo do Observatório Astronómico da Ajuda.

Felicitemo-lo pela justa distinção.

Partidas e Chegadas

Encontra-se na sua propriedade de Caela a sr.ª D. Maria Isabel Roldan Ramirez, esposa do sr. eng. Sebastião Garcia Ramirez, deputado pelo Algarve.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso amigo sr. eng. Hernâni Salgueiro, técnico-administrador da Empresa de Pesca de Aveiro.

A fim de consultar a medicina, foi a Madrid a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues. Acompanhou-a o seu médico assistente, sr. dr. Raul de Brito Folque e a sua amiga, sr.ª D. Maria Antónia Guerreiro Rita.

Regressou de Beja, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. António da Cruz Martins, tendo estado alguns dias em casa de seu filho, sr. Francisco Maria da Cruz Martins, nosso assinante naquela cidade.

Esteve em Vila Real de Santo António o rev. António Martins de Oliveira, nosso assinante em Aljezur.

De regresso da sua viagem por Espanha, encontra-se nesta vila o sr. Carlos Alberto Calheiro A. da Silva e sua esposa, sr.ª D. Bertine Casimiro Lima da Silva.

Estiveram em Portel os nossos amigos da Gráfica do Sul, srs. Joaquim de Almeida Mortágua e Jorge Alberto Farinha.

Esteve em Lisboa o nosso assinante sr. João Leal Socorro, cogente da Fábrica Parodi.

Acompanhado de sua sobrinha, sr.ª D. Orlanda de Almeida Lança, foi a Lisboa consultar a medicina o nosso assinante sr. José Caetano Felizardo.

Em férias, encontra-se já nesta vila o sr. José Norberto Pereira Domingues.

Esteve em Madrid o nosso assinante sr. Renato da Costa Rodrigues.

Em gozo de férias, está no Algarve o sr. Mário Parra da Silva, agente da P. I. D. E. e nosso assinante em Vilar Formoso.

Vimos em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Lisboa, sr. Damião Carrilho Medeiros.

Encontra-se em Coimbra, assistindo à reunião do seu curso e festejando os seus 45 anos de formatura, o sr. dr. António Miguel Galvão, nosso assinante em Faro.

Vimos nesta vila o sr. José Sebastião Teixeira, funcionário da F. N. I. M. e nosso assinante em Faro.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Manuel de Matos, nosso assinante no Pomarão.

Esteve em Lisboa o nosso assinante sr. Diamantino João Leiria.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso amigo sr. Jorge Manuel Freire Celorico Medeiros.

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. António Vitor Severo Martins, nosso assinante em Castro Marim.

Esteve em Lisboa o nosso amigo e assinante sr. Diamantino Manuel Baltazar, proprietário dos estabelecimentos «Império».

Casamentos

No dia 16, realizou-se, em Almada, o casamento do nosso conterrâneo e assinante naquela localidade, sr. João Leiria Reganha Pereira, com a sr.ª D. Beatriz Ferreira do Brito. O casal fixou residência naquela localidade.

No dia 16, realizou-se nesta vila o casamento da sr.ª D. Maria Isabel Pereira Padesca, filha da sr.ª D. Maria Pereira Rosa e do sr. Joaquim do Carmo Padesca, com o sr. Joaquim Viegas da Cruz, filho da sr.ª D. Maria Viegas e do sr. Joaquim Pedro da Cruz, tendo sido padrinhos, por parte da noiva, seus tios, sr.ª D. Clara do Carmo Padesca e seu marido, sr. Joaquim José Carlos, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria de Jesus de Brito e seu marido, sr. José Joaquim de Brito.

Os noivos, que seguiram em viagem de núpcias pelo norte do País, vão fixar residência na Venezuela.

Gente nova

Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança de sexo masculino a sr.ª professora D. Aldina da Silva Simões Ama-

ECONOMIA

Pesca-se atum com abundância nos mares do Brasil

DE uma publicação brasileira extraímos os seguintes elementos acerca da pesca do atum no Brasil, respeitando a redacção, que não é das melhores:

Segundo a «Fundação de Pesquisa do Atum», Califórnia, o atum explorado no Nordeste (836 toneladas, desembarcadas no Recife, no 2.º semestre de 1956, em 4 viagens do «Kaiko-Mar» e uma do «Sagami-Mar», correspondem a 56% da produção de pescado de Pernambuco em 1955) e localizado, em grandes cardumes, a 120 milhas da costa do Rio Grande do Sul (Dezembro de 1956, barco japonês «Hokko-Mar»), é um dos maiores alimentos protéicos; além disso, fornece o atum quantidade considerável de iodo, fluor (desenvolvimento e protecção dos dentes), fósforo, vitaminas A, D e B, (tiamina, riboflavina, niacina). Para a dona de casa, o atum brasileiro, além de constituir, isoladamente, um prato saboroso, pode ser servido com macarrão, arroz e batatas; sob a forma de omeletas e «soufflés»; em saladas, sanduiches, bolos de peixe, pastéis, etc.

É, pois, digna de aplauso e iniciativa do Ministério da Agricultura, promovendo a vinda, ao Brasil, do barco de investigações pesqueiras do Governo do Japão, o «Toko-Mar», de 1.098 toneladas. Em Junho de 1954, o «Toko-Mar» efectuou expedição de pesquisa de peixes de fundo na parte oriental do Mar de Behring. Trata-se de um barco cujas investigações são da mais alta importância para a economia nacional e o alargamento dos nossos conhecimentos científicos. Examinámos no Recife, em Dezembro de 1956, os dados de pesca do atum do «Koiko-Mar», referentes às suas 3 viagens: datas das pescarias, latitude e longitude, temperatura do ar e da água do mar (superfície, 100 e 150 metros), força e direcção dos ventos, pressão atmosférica, direcção das correntes e sua velocidade, horas do princípio e fim da colocação dos espinhéis, horas de início e conclusão da retirada destes, números de anzóis usados e de atuns capturados.

Como se vê, não há segredo nos barcos de pesca japoneses, que serão todos nacionalizados. Têm acompanhado as suas viagens pescadores brasileiros e alunos da Escola de Pesca Tamandaré (Pernambuco). O impacto da técnica japonesa tem capacitado os nossos pescadores, beneficiando os consumidores nordestinos e permitido a formação da Indústria Brasileira de Pesca e Frios S/A, no Recife, com capitais brasileiros. Isso ocorreu em 1956, justamente quando houve uma redução de 1,8% na produção agrícola nacional.

O incremento da produção de tangerinas e limões em Espanha

Já vimos a importância que tem a laranjeira para a Espanha. Agora, vamos ver o que representa para a sua economia a tangerineira e o limoeiro. Da primeira destas espécies tem o vizinho país 3.401.000 árvores, que ocupam 7.930 hectares, figurando em primeiro lugar a provincia de Castellón, com 1.990.000 árvores e seguindo-se, em valor decrescente, Valência, Múrcia e Tarragona. A produção total, na campanha de 1955-56, foi de 90.715 toneladas.

No que respeita a limoeiros, o número de árvores ascende a 2.052.000, ocupando 5.993 hectares. Figura em primeiro lugar Múrcia, com 1.274.000 árvores, seguindo-se Málaga, Valência, Castellón e Almeria. A produção deste fruto, cuja procura está cada vez mais generalizada, totalizou 52.920 toneladas.

Diversas No mês de Abril, a lota de Sesimbra rendeu 4.460.654\$00, correspondentes a 612.347 quilos de peixe. As maiores capturas foram: de xaputa, 283.598 quilos; peixe-espada, 123.930, e carapau, 91.420.

No último mercado de Barcelona, cotaram-se: a alfarroba de Albacete, a 480 pesetas e a de Tar-

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 14 a 20 de Junho

ENTRADOS: Holandês «Tempo», de 498 ton, de Magazão, vazio; Português «Mira Terra», de 562 ton, de Lisboa, vazio; Alemão, «Rolandseck», de 1299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito; Suíço «Arbedo», de 996 ton., de Lisboa, vazio; Espanhol «Marqués de la Viesca», de 110 ton., de Tânger, com atum; Marroquino, «Califa», de 1170 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Espanhol «Jaime Perez», de 58 ton., de Tânger, com atum; atuneiro português «Rio Águeda», de 838 ton., com atum, dos Açores.

SAÍDOS: «Laupen», com conservas, para Génova; «Tempo», com minério, para Boness; «Mira Terra», com minério, para Lisboa; «Marqués de la Viesca», para Tânger, vazio; «Rolandseck», para Hamburgo e Bremen, com cortiça e conservas; «Arbedo», para Génova, com conservas; «Jaime Perez», para Tânger, vazio; «Califa», com conservas, para Génova.

do, esposa do sr. Brântio Guerreiro Amado, comerciante naquela vila.

Também teve o bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, num quarto particular daquele hospital, a sr. D. Maria Lúcia Estrela Santos, esposa do sr. Sebastião dos Santos, tesoureiro da agência do Banco Nacional Ultramarino, em Loulé.

Num dos quartos particulares do Hospital de Portimão, teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Lurdes Correia F. Enxerto Dias Pena, esposa do sr. João Adelino Dias Pena, director do nosso prezado colega local «Notícias do Algarve».

Doente

Seguiu para Lisboa, a fim de submeter-se a tratamento cirúrgico, o sr. Francisco de Almeida Mortágua.

ragona, a granel, a 315 pesetas, os 100 quilos.

Botas do Algarve

Vila Real de Santo António de 13 a 19 de Junho

Table with columns for origin (TRAINEIRAS, Norte, Flor do Guadiana, etc.) and amount in \$.

Atum da costa do Algarve Medo das Cascas

37 atuns, 25 atuarros e 3 albacoras . 67.658\$30

Atum da costa de Marrocos Cabo Espartal

689 atuns, c/ o peso de 103.079 kgs.

Olhão de 13 a 19 de Junho

Table with columns for origin (TRAINEIRAS, Clarinha, Ponsul, etc.) and amount in \$.

Fuseta de 13 a 19 de Junho

Table with columns for origin (ÇAÇEIRAS, Senhora da Orada, etc.) and amount in \$.

Albufeira de 6 a 19 de Junho

Table with columns for origin (ARMAÇÃO, Olhos de Água, etc.) and amount in \$.

a) Cercos

Table with columns for origin (O Jornal do Algarve, etc.) and amount in \$.

Portimão de 13 a 19 de Junho

Table with columns for origin (TRAINEIRAS, Brisamar, etc.) and amount in \$.

Lagos de 13 a 18 de Junho

Table with columns for origin (TRAINEIRAS, N. Sr.ª da Graça, etc.) and amount in \$.

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio. O Jornal do Algarve vende-se em Olhão, na Tabacaria Moderna, Av. da República, 46.

Advertisement for A.M. SILVA featuring illustrations of various tools and equipment, with text 'de a seu filho COMO PREMIO DO SEU EXAME um lindo brinde'.

ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A MÚSICA POPULAR

IV NO ALGARVE

A poesia algarvia na evolução musical

NO «Livro de Oiro das Músicas do Exército Francês» há um autógrafo que se amolda perfeitamente à índole deste artigo. Foi seu autor uma figura de renome mundial, Paul Doumer, Presidente da República francesa, cobardemente assassinado em 1932.

E diz ele: «que é preciso ser poeta e cinzelador do verso, para falar dignamente das músicas...»

Adapta-se esta verdade à tendência musical do algarvio, se considerarmos quantos poetas ilustres desta província são oriundos e que, em estrofes dos mais finos recortes artísticos, têm cantado em todos os tons os enlevos da alma do nosso Algarve.

Está nesse nivelamento, evidentemente, a razão de que o algarvio gosta de música, sente a música e, tanto quanto lhe é possível, cultiva a música como Mãe de todas as Artes.

Já o disse, e agora repito, que «pelos cantares dos povos se definem os géneos das raças».

Justa legenda da crença algarvia na sua inclinação para o cultivo da música nas variadíssimas composições recreativas e folclóricas que de si emanam. Já Armando Leça diz que o Algarve exporta o «Corridinho». E que esta exprime a musicalidade das gentes deste Algarve brincalhão, palrador e alegre, define em toadas de entusiasmo a vibratidade de um povo que recreia a vida e ama a música para o seu melhor passado.

E quando: «O mandador deste balho tem falta de uma gravata, vou-lhe mandar fazer um do rabo da minha gata;»

«Este mastro foi acima, com fitinhas amarelas, para quem passar dizer: — Viva o rancho das donzelas!»

— no «balho» gira e rodopia a herança de uma distinta grei, e vivem-se alegrias e retempera-se o folgar de um povo aguerrido, heróico e baírrista.

Aquelas toadas dolentes e doentias que os árabes e os mouros deixaram por essas terras algarvias enroladas nas canções do mistério das mouras encantadas de que a lenda examina o torrão algarvio, já pouco ou nada influenciam a tradição popular. E se assim fora, verificar-se-ia em perfeito contraste com o sangue revoltado a fibra da nossa gente.

E porque a sua índole é por direito condicionada a todas as virtudes de uma sociedade animada, é ver por essas poéticas terras a difusão da música como lenitivo de todo um povo mourejador na luta pela vida e pelo engrandecimento da sua terra.

E são os músicos ambulantes, o pastor mais a sua «flauta» de beicões ou pífanos, o homem do berimbau e dos ferrinhos, o tocador do harmónio de uma ou duas escalas, àquele outro tocador da soberba concertina italiana de alto preço e de orgânica de fina orquestração; a viola, o bandolim, a típica ocarina, e tantos outros instrumentos que delectam reuniões associativas e familiares, desfolhadas ou bailes campestres por esses montes ou aldeias além.

E de entre todos esses inúmeros tocadores, um ou outro sai um artista de eleição e é um compositor na idealização de «modinhas» que arquitecta, «modinhas» que são a voz do povo nos autênticos cantares regionais. E todos tirando proveitoso partido, indubitavelmente contribuem para enriquecer o folclore do Algarve.

O que é pena é não existir uma academia de música regional, onde esses melhores valores dispersos pudessem ser educados nas suas inclinações.

E vêm-nos à lembrança dois rapazes que há mais de trinta anos, descalços e mal vestidos, doze a catorze anos de idade, mais ou menos, na estação de Tavira faziam a delícia e a admiração dos passageiros dos comboios. Pois estrangeiros e nacionais, ao ouvirem seus cantares como meio de esmolarem publicamente, paravam extasiados ante tanta arte em bruto. Eram duas vozes de timbre de oiro, volumosas, afinadas, expelindo sonoras melodias. Dois artistas na primeira escala da vida, a perderem-se no vício das ruas. Dois cantores a revelarem talento. Que destinos teriam sido os seus?

Nos vários sectores, pois, o algarvio difunde por temperamento próprio a arte dos sons.

E, com a música, o teatro. Duas artes irmãs, mas esta não pode existir sem aquela. Desde longa data que o Algarve tem dado provas de acarinhar e viver com as suas.

E assim, se, por volta de 1842, foi iniciada a vida colectiva das So-

ciudades com bandas civis, é de considerar que, logo em 1845, a arte dramática, em Faro, foi grandemente impulsionada pelo teatro.

Um grande amante das duas Artes, sentindo e pesando bem quanto era aliciente o fervor do Algarve pela música e pelo teatro, o médico Lázaro Doglione, dá expansão aos seus sonhos e consegue mandar construir o melhor teatro da província — o Lethes. Luxuoso, cómodo, grandioso para a época, comportando quinhentos espectadores, é assim que a capital da nossa província marca desde então posição distinta.

E na escala ascendente de se construir e difundir o que à música

é lícito corresponder, além das bandas militares que tiveram assento regulamentar em Lagos, Faro e Tavira, começaram a crescer as populares sociedades musicais, que tanto brilho artístico deram ao ambiente algarvio.

Apagadas umas e levantadas ainda algumas, todavia há pelo nosso bendito torrão o sentido apaixonado da divindade dos sons: Orquestras típicas, excelentes acordeonistas, e, a enriquecer o quadro, alguns apreciados grupos orfeônicos.

O que se torna indispensável é não deixar-se morrer no nosso Algarve esta paixão pela música.

Pedro de Freitas.

FARO-LISBOA

NUM «VOO»...

LISBOA e Faro encurtaram a sua distância em cinquenta por cento... Marcham para um abraço de capitais, que nunca se viram, de que apenas ouvem falar — que mal ligam o nome à pessoa...

Hoje, «voa-se» de Faro a Lisboa em cinco horas, como se vai de Lisboa a Nova-Iorque ou a Londres, por via aérea... Mas «voa-se» de automotora — sem asas — dos aeródromos de qualquer estação ferroviária...

Duas horas, e os «Pirinéus» da Serra do Caldeirão ficam-nos pelas costas, na sua desolação alentejana de traço de união — quase travessão — a ligar os dois subcontinentes Faro-Lisboa. Mais duas horas, e o estuário do Tejo oferece-se-nos num postal, ao vivo, de policromia sadia, com o recorte ondulante das sete colinas, tracejado por pincel impressionista.

Ao inverso, três horas e o Caldeirão volta a surgir altimétrico, rude, ondulante, duro no desenho forte, desolado e triste como uma «Maginot», vedando o acesso a este «Jardim de trinta léguas».

Duas horas mais, e as trinta léguas estão vencidas, a poder de várias escalas.

A automotora tornou-se o «Clipper», o «D. C.-6» ou «Super-Constellation» do Algarve. Simplesmente a TAP, a TWA ou a Pan-American chama-se C. P.

São 7 e 50 horas e o «avião» põe-se a roncá, disposto a descolar. Nesse «avião» de carril, os voos são rasos, sem mais elevações, num 18x1.000 — num voo de andorinha, raso e sem cintos ou vertigens.

As subidas ou descidas são os passageiros que as fazem, à altura de um simples degrau apenas, sem poços de ar ou maus estados climáticos. O seu «voo» é plano quase, embalado pela velocidade e obedecido aos SS da etimologia da palavra Sul e Sueste.

Na Feira dos Transportes Nacio-

nais, a «Nohab» tornou-se o «dernier cri» — a grande atracção do público algarvio.

Mão esplende, como um mosaico de oiro ao sol. O Jardim Algarvio é para a «Nohab» um caminho de rosas, mais pequeno no seu palmo de poesia, que ela percorre num ápice, num galope — num «voo». Mirante debruçado sobre o mar, a poder de várias estampas num azul único de dois azuis cerzidos na linha horizontal — um em palidez de Julieta, outro em azul forte, rematado em gola genovesa, irrequieta, de veste tradicionalíssima, como prefácio da ondulação estática de terras de estepe.

Depois, a Estremadura característica, com os seus pinheiros flamengos, os seus vinhedos e os seus arenosos, para além do Vale do Sado.

A viagem Faro-Lisboa, que outrora era um calhamaço de mil laudas de papel impressas, é hoje um opúsculo, um folheto, condensando toda a literatura arcaica em frases curtas e digeríveis. Lê-se dum fôlego esse fascículo ilustrado pelo mar, pelo céu e pela poesia da terra portuguesa, fresco de tinta ainda, acabado de editar no seu «couché» de edição cuidada, a que não falta o esmalte da capa, ferindo a atenção do visitante.

E um diário que a C. P. pensou editar, e que as rotativas das «Nohab» não se cansam de imprimir, a poder de tiragens sempre esgotadas.

Faro-Barreiro, um terço de volta na pista do arco de círculo de qualquer mostrador de «Omega», «Zenith» ou «Titus», com horas rigorosamente britânicas, a definir a pontualidade de um serviço que reconquistou todo o Algarve — depois dos reis Sanchos e Afonsos...

António Augusto Santos

Figuras do passado

Domingos Basílio

PERSONAGEM arrancado às páginas de um romance de Máximo Gorky, senão mesmo a uma das figuras idealizadas por Zola, ou Afonso Daudet, a sua biografia só as penas experimentadas e inspiradas destes artistas da palavra escrita a poderiam traçar nas múltiplas facetas em que Domingos Basílio poderia ser apreciado.

Neste homem havia um pouco de tudo. Moleiro de profissão, republicano por ideal, amador dramático por gosto, e poeta por vocação.

Embora a sua cultura literária fosse muito rudimentar, o simpático moleiro da aldeia do Azinhal multiplicava-se para distribuir a sua actividade por vários ramos e para discorrer sobre os vários assuntos que lhe apresentavam, dentro, é certo, da modestia dos seus conhecimentos literários, mas tanto quanto possível perto da razão e do bom senso.

Figura atarracada, com o seu chapéu de abas largas, a sua cinta enrolada, Domingos Basílio era na sua aldeia uma figura querida e respeitada, dentro do meio em que vivia, acatado nos seus conselhos, quando era chamado a emitir opinião.

Chamavam-lhe às vezes, por graça, quando vinha à vila, o «Taborda do Azinhal», mas esta frase, que poderia ser depreciativa, não era mais do que um tributo ao seu espírito e às suas qualidades dinâmicas de pessoa que não desejava estagnar na pasmaceira diária da aldeia.

E assim o vemos, enquanto o vento fazia girar as velas do seu mocho, entregue às Musas. Ia compondo os seus versos, os quais satam com uma limpidez de água cristalina, embora muitas vezes a métrica e as regras de versificação não fossem das mais académicas.

Moleiro, poeta e idealista, este homem atravessou a vida com modéstia, apagadamente, mas tão livre quanto possível, longe das peias duma burocracia que certamente não conhecia nem desejava conhecer, e fora das exigências de um patronato que supunho só muito raras vezes ter aturado.

Pode, como qualquer outro, ter tido as suas ideias um tanto ou quanto extemporâneas, mas o que é certo é que até agora, ao que me consta, ainda ninguém se esforçou por reavivar a colectividade a que ele deu o seu esforço. A si próprio se intitulava «poeta da aldeia», e com certa razão o fazia.

Dos muitos versos que li, ainda consigo reter na memória estes, que são da sua autoria:

«Silvina, minha Silvina, Silvina, meu ai Jesus, Nos dias em que te não vejo Nem a candeia dá luz.»

Não sei quem era a Silvina de que os versos falam, nem isso interessa, mas o que é certo é que a paixão do poeta deveria ser sincera, pois até a candeia se recusava a iluminar, quando a senhora dos seus pensamentos não aparecia.

Zé Valente

Visado pela delegação de Censura

PORQUE GOSTO DA MINHA TERRA

MONCARAPACHO

PORQUE gosto de ti, Moncarapacho? Nem eu bem o sei... Sei apenas que tens para mim algo de feitiço, não por seres majestosa, mas por seres simples e singela.

Aldeia querida, como te amo! As tuas ruas silenciosas encantam-me.

Ah! Mas quando há romarias, só Deus sabe a alegria que me vai na alma. Sim, sou feliz na minha terra!

Terra simples e singela, por entre os campos verdes, onde branquejas tu, minha Aldeia.

Amo-te, porque de pequena me habituei a correr pelos campos, campos belos, cheios de verdura de flores e de searas, que são a alegria dos teus habitantes, que somos, afinal, todos nós, moncarapachenses; aqui um pomar, acolá um amendoal, mais além uma cascata, a sul o mar e a norte os montes (serros da Cabeça e de S. Miguel).

Como és linda, quando no inverno te cobres de branco, branco como a neve. Mas será neve? Não!... É a flor das amendoeirais. Neve vegetal, para a princesa escandinava...

As tardes passadas no campo são para mim uma maravilha. Debaixo de uma árvore, a ouvir chilrear os passarinhos, o vento que agita as folhas tal qual uma melodia, o riacho que canta, e as rãs que coaxam.

Oh, meu Deus, como é bela a natureza; como são belos os campos de Moncarapacho, que inda de colo já via,

Quantas vezes elevo esta prece ao céu: — Meu Deus, não me afasteis de Moncarapacho!

Se os teus filhos se afastam de ti, sentem grande saudade, mesmo que se encontrem no bulício das cidades.

Para nós não há nada mais belo que tu! Quantas vezes te contamos a estranhos, não tentando mentir, simplesmente envolvidos pelo feitiço da saudade, maravilhas a teu respeito, qual aldeia encantada, encantos que os forasteiros não encontram, porque não sabem ler nas estrelas, no luar, na chuva, no sol, porque não lhes vai na alma o misto da saudade e nem o amor por ti que nós, aldeões, sentimos.

Quantos sonhos me tens acalentado! Sim... Porque sonho acordada e quando vejo que eles não passam de quimeras e me sinto desalentada, prestes a desfalecer, tu ergues-me, e olhando teu casario envolto pela ramagem, volto a sonhar...

Em volta de ti, minha aldeia, por entre os teus campos, erguem-se os teus sítios, súbditos submissos da sua rainha. Rainha que és tu, aldeia benquista!

Teus filhos não têm só a terra, têm também o mar, em que pescam, tirando o maior proveito. As vezes, quando está encapelado, rouba-te os filhos, mas depois acalma-se e pede-te perdão.

Orgulha-te, minha aldeia, dos teus sítios belos, em que Marim sobressai, por ser banhado pelas águas atlânticas.

Assim, minha aldeia, rainha simples e singela, ouve os nossos cânticos a louvar-te e exaltar-te.

Em coro: Viva a nossa Aldeia! Viva Moncarapacho!

Maria Rosa de Jesus Correia

FESTA COMEMORATIVA DO DIA DE PORTUGAL em Vila Nova de Cacela

O DIA de Portugal, foi celebrado em Vila Nova de Cacela, com bastante brilho.

Na escola masculina e com a presença dos alunos das outras escolas e postos de ensino da freguesia e seus respectivos professores e regentes, realizou-se uma sessão comemorativa, à qual presidiram as professoras sr.^{as} D. Gabriela de Sousa Rosa e D. Marília Vaz Monteiro Silva e o sr. Alexandrino Guerreiro Cavaco, presidente da Junta de Freguesia.

Nesta sessão, o advogado, sr. dr. José Correia, proferiu uma conferência sobre a vida de Camões, analisando-o como épico dos Lusíadas, herói, patriota e mártir, tendo, no final da mesma, sido muito aplaudido e felicitado.

A festa terminou com recitativos, canções e coros pelas crianças, que tinham sido ensaiadas pela professora sr.^a D. Maria Helena da Silva Rosa.

A noite, na Sociedade Recreativa Cacelense, realizou-se uma sessão solene, tendo feito parte da mesa os srs. dr. José Colaço Fernandes, Jacinto Pereira Guerreiro e José M. André. Seguiu-se um artístico sarau pelo grupo cénico da colectividade, no qual, entre outros, intervieram a menina Zulmira Castanheira e José Castanheira Cristo, que cantaram fados e canções, acompanhados pelo violista Sérgio

AS SONDAS affectam o peixe?

Embora não acreditemos nas fantasias que têm sido urdidas à volta das sondas, não queremos deixar de arquivar a seguinte local, que se nos deparou no nosso prezado colega «O Sesimbrense» e que, por certo, vai dar ânimo àqueles que vêm com maus olhos a utilização desse aparelho, hoje imprescindível na pesca:

Parece poder confirmar-se a teoria do nosso pescador, ao dizer que o peixe localizado com a sonda electro-magnética morre mais depressa e não tem tanto sabor, pois lemos, há dias, num jornal, que um trabalhador norte-americano morreu com uma perfuração intestinal pelo facto de se ter exposto durante certo período às radiações do referido aparelho.

QUIOSQUE

Aluga-se em boas condições na Avenida da República. Dirigir ao proprietário.

Peres e o acordeonista José Vital. A todos os assistentes foi servido um «Porto de honra», terminando a festa com um animado baile, abrilhantado pela orquestra local.

GABINETE DE CONTABILIDADE

SIDEX

Oferece

A SIMPLIFICAÇÃO dos serviços OS BALANCETES eliminados Um controle diário de todo o movimento As situações exactas das contas Mais rapidez nos lançamentos Rendimento de trabalho superior Mais capacidade em menor espaço

Peça hoje mesmo, pelo telefone ou por um simples postal, uma demonstração para

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

AV. GEN. ROÇADAS, 74 C.F. — T.843965 — LISBOA

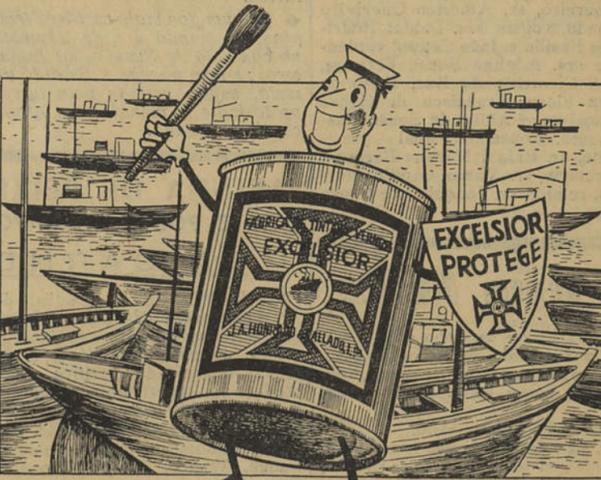
Sirvam-se V. Ex.^{as} colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

- Centro Comercial de Combustíveis, Lda. — Vila Real de Santo António
- Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda. — Faro
- Ernesto Duarte — Vila Real de Santo António
- José Pedro Ladeira, Lda. — Olhão
- M. Rodrigues Pereira — Olhão
- Pilotos & Capa — Vila Real de Santo António
- Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a — Vila Real de Santo António
- Raul Folque & Filhos, Lda. — Vila Real de Santo António
- Soliva - Sociedade de Litografia e Vazio — Vila Real de Santo António
- Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.^{meo} — Vila Real de Santo António
- V.^a Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.^a — Vila Real de Santo António

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

EXCELSIOR

o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA. Travessa do Giestal, 4 — LISBOA

A MENTIRA E AS CRIANÇAS

BASTOS TIGRE

MUITO se tem escrito sobre a psicologia infantil e, com base em teorias e observações, ensinando a maneira mais acertada de educar as crianças. Não sei se estas concordam com os educadores. Parece-me que não, visto que continuam a portar-se como selvagens, isto é, como crianças, sempre que se sintam livres da fiscalização dos pais, das amas e dos professores. Há procedimentos e atitudes próprios a cada idade, e é escusado contê-los ou modificá-los. O «não faça isto!», o «tenha modos!» não corrigem ninguém. Quando muito, terão um efeito imediato e passageiro, que não é produzido pelo espírito de obediência ou pelo reconhecimento do erro, mas apenas pelo medo do castigo. A capacidade de distinguir entre o bem e o mal só vem depois, na adolescência. E a de escolher entre os dois, às vezes não chega nunca.

Consideremos, por exemplo, o caso da mentira. Ela é uma tendência natural, espontânea, do espírito infantil. A criança mente, inventa, nega o mal que fez, com a mesma espontaneidade com que corre, grita e mete o dedo no nariz. De onde se conclui que a mentira está mais perto da natureza que a verdade.

Se, com o correr dos anos e à aproximação da idade adulta, vamos deixando de mentir, é por verificarmos a dificuldade de fazer com que os outros nos acreditem, o que desmoraliza a nossa técnica inventiva. Mentir é um instinto, mas mentir bem é uma arte. Demanda inteligência, espírito criador e coragem de afirmar e reafirmar, mesmo contra a evidência dos factos.

Mas se a mentira está na massa do sangue do garoto, se os micróbios da mendacidade lhe foram transmitidos como herança ancestral, ele, assim que começa a entender o que ouve e a dizer o que lhe vem à cabeça, sente a influência do ambiente que o cerca. E a mentira espontânea junta-se a que resulta da mentira contagiante.

E a criança mente, fantasia, inventa factos que não ocorreram, também por espírito de imitação. Desde as cantigas de ninar, com papões no telhado, até às histórias de fadas que lhe contam, ela sabe que são falsas, contadas para distraí-la ou fazê-la dormir. E sente-se no direito de forjar as suas mentiras, de atribuir à chuva o pipi que fez na cama, e dizer que foi o gato quem comeu o doce.

Em casa, as mentiras pululam. O pai manda dizer, ao importuno que o chama ao telefone, que «saíu agorinha mesmo». A mãe recomenda à criada que, se D. Fulaninha vier, diga-lhe que «não está». Essas e outras que tais fazem parte da rotina da vida doméstica.

Prender que, neste meio de patranhas, seja a criança sincera e veraz é mentir contra a razão e a lógica. Deixemo-la crescer de acordo com as leis biológicas, que, neste ponto, se harmonizam perfeitamente com as leis sociais.

Chegando à idade do raciocínio, ela não mentirá mais. Ou mentirá como todos nós, com as regras da arte e da técnica.

A BANDA Artistas de Minerva de Loulé

que festejou os seus 89 anos, precisa de que não a desamparem

LOULÉ — Completou 89 anos a Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva. A festejar o acontecimento, a sua banda de música percorreu as ruas da vila a tocar o hino da sociedade, tendo cumprimentado as autoridades, membros da sua direcção, colectividades e outras entidades locais.

Esta prestigiosa agremiação, que alcançou o 1.º prémio do Certame de Silves, realizado em 6 de Outubro de 1895 e possui a medalha de cobre do 2.º Congresso da Federação das Sociedades de Educação e Recreio e o diploma de medalha de ouro, concedidos já no corrente ano pela mesma Federação; que é, ainda, solicitada para ir periodicamente a Espanha abrihantiar várias festas, nomeadamente as de Lepe e Isla Cristina, sem falarmos nas do nosso país, travessa, desde há muito, uma grave crise financeira, lutando com falta de recursos não só para poder fazer face ao arranjo do seu instrumental como também para atender à necessária e imperiosa aquisição de fardamentos, dado que os seus componentes usam encontram-se já num deplorável estado de conservação. Só à boa vontade e aos esforços dos seus dirigentes, trabalhando pelo arregado amor à terra e à filarmónica, se deve a mesma ainda existir. Bem digna é, pois, de todo o auxílio tanto de particulares como das instâncias competentes.

A sua gerência, eleita no passado dia 28, é assim constituída: Assembleia Geral, — presidente, sr. Manuel Guerreiro Pereira; vice-presidente, sr. António Luis Ramos Júnior, 1.º secretário, sr. José Guerreiro dos Santos Galo e 2.º secretário, sr. Daniel de Sousa Brito. Direcção — presidente, sr. José Centeio de Sousa Martins, secretário, sr. Manuel Rodrigues Guerreiro, tesoureiro, sr. Américo Guerreiro Amado, vogais, srs. Daniel Rodrigues Basílio e João Cativo; suplentes: srs. Adelino Sousa Ferreira, José Clemente da Luz, Ildio da Cruz Floro, Francisco de Sousa Gonçalves e Abílio de Sousa Nascimento. Conselho Fiscal — presidente, sr. Rafael Martins Barbosa, secretário, sr. Vasco Camilo Martins, relator, sr. Joaquim de Sousa Bota.

Os meus Pais...

No meu Algarve de sonho e de beleza, Das amendoieiras e das lendas sem igual, Há uma vila que o Guadiana, terno, beija P'ra lhe chamar, nesse beijo, Vila Real.

Acho-te bela na tua realeza, Pois, além de seres o meu torrão natal, Guardas, em teu lindo manto de Princesa, Um tesouro que, p'ra mim, não tem rival:

É uma rua como tantas, sossegada, Que tem ao fundo uma casinha caiada Em tom claro, que fala de ventura;

E dentro dessa casinha tão querida, Está o meu mundo, toda a minha vida. Nos únicos seres que amo, com ternura.

Maria de Fátima

TALVEZ não saiba...

◆ Que, nas costas da Terra Nova, foi recentemente encontrada uma garrafa contendo uma mensagem datada de 1823; e que, segundo ficou provado, tal mensagem foi lançada ao mar pelo capitão do veleiro «Henry Thomas», naufragado naquele ano, quando em viagem de Liverpool para a América.

◆ Que em 1955 emigraram do Algarve 808 pessoas, das quais 324 para a Venezuela, 159 para a Argentina e 103 para o Brasil, e que retornaram à terra algarvia 57.

◆ Que o silêncio absoluto não existe; e que até nos recintos herméticamente fechados e isolados o vibrar do coração e as pulsações do sangue produzem um ruído suficiente para agitar as agulhas ultra-sensíveis dos aparelhos registadores de sons.

◆ Que a família Habsburgo, que tantos reis e imperadores forneceu a diversas nações da Europa e até da América, é originária da Alsácia e não da Áustria, como geralmente se pensa; e que essa família começou a tornar-se conhecida a partir do ano de 1084.

◆ Que a palavra universal gazeta é diminutivo do termo italiano gazza, moeda veneziana de pouco valor; e que, no século XVII, cada exemplar de jornal se vendia em Veneza por uma gazza.

◆ Que já se tem visto um albatroz acompanhar e seguir um navio à vela durante dois meses consecutivos, sem descansar um só momento; e que, por essa razão, se acredita que aquela ave dorme repousando sobre as asas em pleno vôo.

◆ Que um certo número de doenças, que se encontravam em regressão durante o período de restrições anterior a 1948, fizeram o seu reaparecimento na Alemanha ocidental desde que a população abandonou a dieta forçada; e que essas doenças são a diabetes, a gota e a obesidade, causas de perturbações cardíacas e circulatórias.

◆ Que um dos mais curiosos templos do mundo é o de Arundel, no condado de Sussex, na Inglaterra; e isso porque é dividido ao meio, sendo metade uma igreja protestante e metade uma igreja católica romana.

FARINHA DE PEIXE COM O PODER NUTRITIVO DA CARNE

O QUÍMICO Ezra Levin, de Champaign (Estados Unidos), descobriu um produto extraído dos peixes, de sabor agradável e de grande capacidade nutritiva. Este produto foi experimentado num almoço oferecido pelo senador Paulo Douglas a representantes de oito países: Indonésia, Índia, Birmânia, Iraque, México, Turquia, Brasil e Costa Rica.

O processo descoberto por Levin consiste em extrair dos peixes uma farinha especial, rica em proteínas. Este produto foi depois tratado nos laboratórios de Monticello (Illinois), custa a vigésima parte do preço da carne e tem o mesmo poder alimentício desta. Além de muito barato, pode adaptar-se ao paladar de qualquer povo.

LIVROS «PORTIMÃO»

por Joaquim António Nunes



JOAQUIM António Nunes tem sido um algarvio apaixonado não apenas pela terra onde nasceu, mas por todo o Algarve. Os serviços que tem prestado à Terra Algarvia, através da sua acção na nossa casa regional, são disso testemunho eloquente. E foi norteado por este amor ao Algarve que ele arrumou em 112 páginas uma monografia de Portimão, publicada há poucos meses nos Estudos Algarvios da Casa do Algarve. Seria exagero dizer-se que se trata de obra definitiva; nem isso estava no pensamento do autor. E, no entanto, um estudo elucidativo e muito ilustrado sobre a nossa mais moderna e florescente cidade, em que se aborda a sua incerta história e se pormenoriza, com auxílio de bem elaborados mapas, o seu movimento demográfico, piscatório, industrial, agrícola e fabril, assim como a actividade do seu Município. É uma monografia estimulável e que pode servir de ponto de partida para obra mais vasta.

Publicando o seu trabalho, Joaquim António Nunes serviu uma vez mais o Algarve, e neste caso, concretamente, a simpática e laboriosa cidade barlaventina.

CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

De harmonia com a legislação, estão a decorrer as operações do recenseamento das crianças em idade escolar, isto é, de todas as crianças cujas idades estejam compreendidas entre os 7 e os 12 anos. Assim, lembramos aos pais e encarregados de educação de crianças que tenham completado os 7 anos ou os venham a completar até 31 de Dezembro do ano corrente, a necessidade de comparecerem, com a maior brevidade, nas escolas das respectivas freguesias, com as cédulas pessoais dos seus educandos, a fim de as mesmas serem inscritas no referido recenseamento, com vista à frequência escolar no próximo ano lectivo.

MONTE REAL começa a animar-se

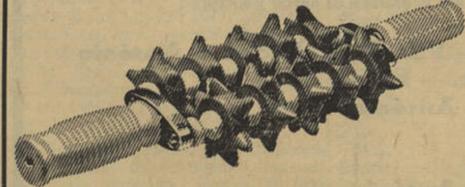
AS termas de Monte Real, próximo de Leiria, começam a animar-se com a frequência de aqistas de todo o País e Ultramar, que ali vão procurar a cura para os seus males e repousar.

Situadas na encantadora e salubre zona do pinhal de Leiria, oferecem as famosas termas um ambiente apetecível, e daí a razão por que a sua frequência aumenta de ano para ano. As águas são recomendadas para transtornos do aparelho digestivo e são muitas as curas que se têm verificado.

Nos últimos anos, o seu organismo turístico tem desenvolvido uma acção frutuosa, quer no que respeita a proporcionar comodidades a quem frequenta Monte Real, quer no que concerne ao embelezamento da localidade.

BARDAHL

CONTRA A GORDURA E A CELULITE



Eis um novo aparelho, o Pétrisseur STERLING que realiza uma massagem profunda, de grande eficácia. Com este aparelho eliminará rapidamente a gordura supérflua e a celulite. Emprego fácil e agradável, em casa. Receberá graciosamente uma luxuosa brochura com todos os detalhes do tratamento, escrevendo a

SODIPE, L. DA Rua de Ceuta, 5 — PORTO

CRONISTAS E CONTISTAS

PRAÇA DA ALEGRIA

LOUVADO seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Gasta-se um mês bem puxado a reclamar e a organizar uma função, puxa-se-lhe por todos os cordelinhos, tresmalha-se o gado assustado, repetem-se os anúncios e contra-anúncios, como quem não sabe recuar diante dos maiores perigos, excepto o do prejuízo — espera-se, confiadamente, por um dia de sol rubro e senegalês, destes de transformar um parceiro num pedaço de carneiro eleitoral, — e depois de tudo aboborado durante esses longos trinta dias de ansiedade, sai uma pepineira de a gente morrer a rir, a rir, e transitar a rir para toda a eternidade!

por GUEDES DE OLIVEIRA

Eh! eh! eh! Claro que estes dizeres não envolvem nem uma aresta de censura ao promotor da obra. Ele, em boa e genuína verdade, não a merece. Porque anunciou uma novilhada, e deu-nos uma novilhada; anunciou uns *niños sevillanos*, e eles apareceram sevillaníssimos... oh, lá isso apareceram, tadinhos! A um ouvimos nós perguntar, depois duma estocada de morte memorável:

— O meu menino: E' a primeira vez que mata o bicho?

— Si, señor. Y mi compañero la segunda.

— Pois limpem a mão à parede. — ¡Que quiere usted, hombre! Si es que no hay manera de traer uno las manos limpias! El calor... y luego la sangre!

Aquilo foi uma espécie de pândega lusogalaica. Pois se até um homem das rendas lá apareceu a tourear, e a tourear... por lo jino!

¡Vaya, una broma!

A espera de concorrência, muita concorrência, talvez de gente chegada nos últimos comboios ou desembarcada nos derradeiros transatlânticos ancorados em Leixões, a festa principiou tarde.

Passava muito das quatro, quando num raro americano, destes de surpresa, (porque isto de americanos são como heranças imprevistas de tios ricos e desconhecidos) — encontramos o inteligente a caminho da praça.

— De americano?

— Que se lhe há-de fazer! A corrida é tão pobre que nem dá para tipóia! Assim, eram quatro horas e meia bem puxadas, e nada! Pouca gente, na sombra; o sol muito mais do que débil; camarotes regularmente concorridos, mesmo com algumas damas da nossa primeira sociedade em lenço de malha de lã, último figurino da Maia; o camarote da autoridade, vazio. Os Zés da Gaita, ausentes em parte incerta...

Sentia-se um princípio de desolação, de melancolia, de receosa ansiedade, como quando se conta já com uma catástrofe e sai um cataclismo. Aqui e além espirrava-se, e um ou outro espectador assentava, com o ruído correspondente, o tacão da bota no tabuado das bancadas.

Eram as primeiras impaciências que se manifestavam. Entre cenas muita azáfama e muitíssimo medo. Faltava então um quarto para as cinco. Nada ainda! Nem jeitos! No azul aparecia um balão de papel com um mono suspenso, como pendente de alta lateda. Entreteve o publico. No sol, mais alguns desgarrados. Zé da Gaita mantinha os seus Verdi num silêncio discreto. De quando em quando, as bengalas associadas aos tacões quebravam a mudez profunda do ambiente, — rufando. Eram cinco menos alguns minutos. Ainda nada! Nicles! Moita!

Súbitamente, no camarote respectivo aparece o sr. major Feijó, e de pé, apoiadas as mãos no varandim, a modo de quem se propõe pedir a palavra para um aditamento, mostra-se, como quem diz:

— Pois é verdade! Já cá estou!

Zé da Gaita recebe S. Ex.ª com um bem flauteado *pasa-calle*; mas, daí a pouco, tudo volta ao anterior silêncio, tal como sucede

quando não há nada que dizer, numa visita de pêsames.

E' então que muito lindo, muito fresco e muito importante, sobe ao estrado da direcção o sr. Ricardo Arroio, inteligentíssimo Inteligente da corrida, e aí se exhibe com um mirabolante chapéu *der-nier goût*, e acotovela o homem dos toques para a sopradela das cortezias.

— Té... té-té-té... té-té-té... ouve-se lá no sitio. Ansiedade. O rumor surdo dos

grandes lances. Mas da porta dos cavaleiros não surgiu nada. Fechada, como quinta de quem foi para banhos. Com outra acotovelada do sr. Arroio, bufa-se um toque número dois, um pouco mais puxado. Ainda, e mais uma vez, — nada! Terceira tocadela, impaciente. Aparece, graças!, um servente por detrás da trincheira, e exhibe a palma da mão ao inteligente, num gesto que lhe dizia:

— Espere um bocadinho, que eu vou ver se encontro a gazúia da cancela!

Daí a momentos, enfim, abriu-se! Lá dentro, com o cavaleiro a meio, vestindo uma linda casaca de *peluche* cor de couve galega, vê-se o pessoal da corrida, num guarda-roupa muito variado em cor e feitios, como numa instrução de recrutas. Alguns dos lidadores apareciam já heróicamente pálidus, nervosos e incertos, assim à moda de quem diz que não se ganha para sustos.

Principiam, entretantes, as cortezias. O cavaleiro, que se revela bom equitador, obriga o cavalo aos floreios do estilo, saudando a autoridade. O sr. major Feijó, lá no alto, de pé, e correspondendo, acena-lhe com a cabeça que sim. O cavaleiro replica que também. E assim termina o tocante diálogo, para dar lugar ao torneio.

Desejaríamos, daqui por diante, prosseguir na crónica, mas o que se passou é inenunciável. Mas houve tempo para rir. Os senhores já assistiram, por certo, à *Morte de D. Inês de Castro* pelos Rosas e Brazões da Maia, que às vezes rompem em cena gritando, furibundos:

— Qu'è d'ela a Inês? — Stá lá fora a strabuchar com quatro punhaladas que le deu o Coelho e mailo Pacheco!

Pois se assistiram, façam de conta que aquilo foi o mesmo em arte de Montez. Logo no princípio, o cavaleiro teve uma empanzinadela em que o bezerrinho parecia levar-lhe o estabelecimento para casa de todos os diabos, levantando-lho pelo saguão até uma altura de dois andares. Depois, a risota foi de chegar para oito dias!

Houve de tudo para provar: sortes de cadeira, saltos de vara, ferros de palmo, simulacros de morte, *cogidas*, pegas, o diabo a quatro! O tal homem das rendas, que nos disseram chamar-se Margalho, foi um herói da maior façanha e glória da sua terra. Iniciava os ferros a passo e espetava-os a trote, para fugir a galope. Uma vez, numa sorte de fuga, o boizinho alcançou-o, deitou-o por terra, pôs-lhe uma pata numa das faces lunares do posterior, como o Yago no *Otelo*:

— *Ecco il leone!*... e o homem apanhou tamanho susto que não quis mais, de aí por diante. Vários espectadores bem o animaram com chamadas e palmas, chegando alguns até a pedir-lhe:

— Ó Margalhinho! Mais um ferro, pelas almas, filho!

Qual carapuça! Não, que ele já sabia como elas doíam!

Em suma, foi uma tarde bem passada, divertida, desopilante, cheia!

Há duas coisas boas a citar: a direcção, do sr. Ricardo Arroio, que foi tão acertada quanto as circunstâncias o permitiram, e uma pega de um paisano, cujo nome não apurámos, e que, depois de desfeitoado, voltou à carga, saindo-nos um Fressuras de três assobios.

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS

RIV

FABRICO ITALIANO

PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

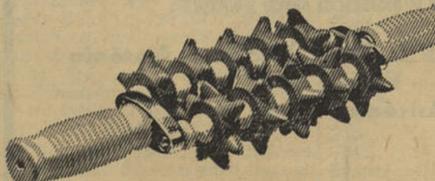
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE 73A79-L1680A



CONTRA A GORDURA E A CELULITE



Eis um novo aparelho, o Pétrisseur STERLING que realiza uma massagem profunda, de grande eficácia. Com este aparelho eliminará rapidamente a gordura supérflua e a celulite. Emprego fácil e agradável, em casa. Receberá graciosamente uma luxuosa brochura com todos os detalhes do tratamento, escrevendo a

SODIPE, L. DA
Rua de Ceuta, 5 — PORTO

DESPORTOS

FUTEBOL

FARENSE, 0-BÉTIS, 2

Dois golos, duas equipas distintas no seu jogo...

Para esquecer, este jogo? Não, de modo algum! As ligações perduram sempre, quando algo nos dizem de ensinamento.

O Bétis chegou a Faro e venceu, com uma naturalidade impressionante, que define bem o «abismo» existente entre o futebol espanhol e lusitano.

A equipa actuou sem pressas, sem esforço, jogando naturalmente o seu jogo, na base de uma equipa de onze elementos unidos, convictos, disciplinados nos seus movimentos, que deram ao seu futebol o nome de «association» e o apelido de «Bétis»...

Ao mesmo tempo que vencia em Heliópolis, por 5-2, o «S. Fernando», seu derradeiro adversário de II Liga, ganhava em Faro, por 2-0. Dos seus 90 elementos — autêntico arsenal de jogadores — não teve dificuldades em escolher 22.

Pouco práticos, talvez, teimando obstinadamente num futebol geométrico, vistoso para os olhos da galeria, mas nem por isso deixaram de ganhar as batalhas da antecipaçao, do «contrôle» de esférico e do triunfo.

O seu futebol deslizou, positivamente, sobre «rolamentos esféricos», suave, fácil, bem pensado e esclarecido. Deu, mesmo, a ideia de que os jogadores tinham a lição na «ponta da língua», nunca se confundindo... Cabrera, em «excitador» do ataque sevilhano, dinamizou a ofensiva e gerou — pode dizer-se — os dois golos feitos antes do intervalo, por Blandaso e Palmero.

Depois, a equipa ganhou autoconfiança e deu expressão mais nítida ao seu futebol, para acabar em bom estilo.

Castellón, Blondoso, Cabrera, Lora e Peñafuerte foram as pedras mais eficientes do seu xadrez.

O Farense esteve incerto, oscilando em todos os planos da sua equipa, que actuou desfigurada.

Incerteza na zona defensiva, falta de réplica no sector médio e jogo solto na frente, negaram sempre aos campeões da Zona Sul uma ideia de si próprios e do seu real valor.

O ataque, especialmente, foi o «nó górdio» da questão, ficando no «zero», que «chumbou» a turma... O critério de enquadrar Armando e Remígio na dianteira recebeu o quinteto de valores, mas tirou-lhe intimidade, articulação e média de jogo definido, constituindo em si uma «via reduzida» para o triunfo.

Os ataques de selecção, mais que as defesas, foram sempre assim... Nomes de «ouro» sublinhando mal o pensamento de futebol ofensivo.

Depois do intervalo, a inclusão de Brito e Balela deu-lhe mais identificação, mais entusiasmo — mas só isso, pois a dianteira «alvi-negra» continuou ainda em pensamentos definidos e conclusões erradas.

Em face do golo, que nunca se realizou, a despeito de surgido e negado com a mesma facilidade, a garra e o latinismo do quadro «leonino» foi-se apagando até à apatia.

A linha média não existiu... perdeu nitidamente a vantagem na «zona-forja» de qualquer sistema de jogo. Sem uma mediana convicta, a impor o traço de união entre o ataque e a defesa, o grupo tinha de «quebrar».

Também a defesa esteve longe de acertar o passo, brindando «nuestros hermanos» com um golo por cada flanco.

Enfim, uma tarde cinzenta do Campeão do Sul, a acusar quebra de ritmo e o adiantado da temporada, acrescidos dos «juros de mora» duma temporada tensa e intensa de 40 jogos quase todos brilhantes.

A citar, Realito, Ventura I, Armando, Remígio, Brito e Balela, como os mais esforçados.

Pinto Coelho apitou a contento.

Torneio Popular

Olhão - 4.ª série

Lusitano Moncarapachense 0 Clube Desportivo Tavirense 1

A contar para o Torneio Popular de Olhão, realizou-se em Moncarapacho, no domingo, o seu primeiro jogo, do qual saiu vencedora pela diferença de uma bola, a equipa do Clube Desportivo Tavirense, a qual alinhou: Malaia, Isidro e Fausto; Martins, Galaz e Américo; Chico, Fialho, Patrão, Nelson e Joaquim.

O encontro, disputado com bastante entusiasmo por parte do Moncarapachense e em campo de pequenas dimensões, não foi de bom nível técnico, mostrando-se, entretanto, o Clube Desportivo Tavirense uma equipa mais homogénia e com mais sentido de jogo, sendo a defesa o seu sector mais forte.

O resultado, aliás justo, foi feito aos 12 minutos da primeira parte, sendo o interior esquerdo Nelson o seu marcador.

Amanhã, efectuar-se-ão os seguintes jogos: Desp. Tavirense — Unidos de Olhão Lusitano Monc. — Benfica e Tavira

Vila Real do Santo António Perante regular assistência, disputou-se no domingo, a 5.ª jornada (final da 1.ª volta) do Torneio Popular de Futebol de Vila Real de Santo António.

Grande expectativa e entusiasmo, dentro e fora do rectângulo. Os encontros, disputados com muita genérica, mantiveram até final a dúvida sobre os seus desfechos.

Resultados: Hortalense, 2 — Guadiana, 2 Beira-Mar, 3 — Celeiro, 3

CLASSIFICAÇÃO GERAL Table with columns J, V, E, D, B, P and rows for Beira-Mar, Hortalense, Guadiana, and Atlético.

Na 1.ª jornada da 2.ª volta, realizada na quinta-feira, obtiveram-se os seguintes resultados:

Atlético, 1 — Guadiana, 0 Hortalense, 1 — Beira-Mar, 4

Jogos para amanhã: Beira-Mar - Atlético Hortalense-Celeiro

A ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE FARO EM DESACORDO COM A DISPUTA da II Divisão em três zonas

Realizou-se uma reunião da Comissão de Estudos, eleita no último Congresso, a fim de apreciar uma proposta em que se preconiza a alteração dos moldes de disputa do Campeonato Nacional da II Divisão, segundo a qual seria disputado em três zonas distintas, de 14 clubes cada.

Nesta reunião, em que foi admitida a possibilidade de aprovação da referida proposta, apesar de a maioria a ter aceite, o representante da Associação de Futebol de Faro, sr. Dimas Duarte Lima, e o de Setúbal, não concordaram com a disputa do campeonato em três zonas.

A proposta sob todos os aspectos melhoraria as condições da prova e era há muito tempo esperada com ansiedade pelos clubes desta divisão, os quais viram as suas aspirações desvanecerem-se, principalmente porque ainda existe quem não compreenda o benefício que essa alteração lhes poderia proporcionar.

Lamentamos que a nossa Associação de Faro não descortinasse alguns pontos que, por certo, teriam interesse para o futebol algarvio. Com a disputa por três zonas, o Lusitano de V. R. de Santo António far-se-ia representar na zona sul, assim como

CICLISMO

Festival em Tavira

Realizou-se no domingo, na pista do G. C. T., um festival de ciclismo, com provas para principiantes, iniciados e amadores seniores.

As provas, que despertaram grande entusiasmo por parte do público e dos corredores, revelaram a boa forma dos ciclistas do Ginásio Clube de Tavira.

Sérgio Páscoa, vencedor das provas para amadores seniores, com Jorge e Bárbara, constituem uma prometedora equipa com que o Ginásio pensa representar-se na próxima Volta a Portugal em bicicleta.

Amanhã, correrá naquela cidade uma equipa do Sporting Clube de Portugal, composta por Artur Carneira e Arlindo Carvalho.

COLUMBOFILIA

Resultado do Concurso de Cuba

O Grupo Columbófilo Guadiana levou a efeito, no passado domingo, o Concurso de Cuba, no total de 114 quilómetros, que foram percorridos à média de 1.278 m/m. A ordem de chegada foi a seguinte: António A. Vargas, 1.º e 6.º; dr. Manuel Vargas, 2.º, 5.º, 4.º e 8.º; Guilherme dos Reis, 5.º; José M. Ferramacho, 7.º; Marcelino da Silva, 9.º e 10.º; Manuel Custódio, 11.º; Caetano Guimarães, 12.º, e António Caixinha, 13.º e 14.º.

Classificação geral: 1.º, dr. Manuel Vargas, 285 pontos; 2.º, António Vicente, 198; 3.º, António P. Leal, 112; 4.º, Marcelino da Silva, 102; 5.º, António Caixinha, 101; 6.º, André Roque, 100; 7.º, Manuel Custódio, 84; 8.º, António Vargas, 67; 9.º, José Carmo Oeiras, 64, e 10.º, José Ferramacho, 57.

Eduardo Augusto

Partiu para férias o técnico ao serviço do Lusitano, Eduardo Augusto.

Sabemos que a direcção do Lusitano Futebol Clube ainda não decidiu se utilizará os seus serviços para a nova época. Cremos que o assunto, depois de bem ponderado, poderá dar ensejo a Eduardo Augusto de completar a obra levada a cabo nesta época, levando o «quadro» futebolístico dos encarnados ao plano de relevo a que tem direito. Assim seja!

A ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE FARO EM DESACORDO COM A DISPUTA da II Divisão em três zonas

os restantes clubes da província (II divisão) usufruiriam de vantagens com esta inclusão (deslocação reduzida, etc.).

É de admirar que o representante de Faro tivesse discordado, porquanto numa reunião efectuada, ainda não há muitos anos, na sede da Associação, a que presidia, então, o sr. dr. Torres Vieira, foi debatida intensamente uma proposta a apresentar à Federação, na qual se defendia a alteração do Regional, o que foi atendido, com o apoio de todos os clubes do Algarve.

Nessa altura, um clube algarvio encontrava-se na iminência de disputar a III divisão... Além disso, quando o ano passado foi ventilada a divisão por 3 zonas, a nossa Associação estava de acordo em defender o assunto.

Qual a razão por que a Associação não concordou, agora, com mais uma zona? Não teria admitido o facto de o Lusitano ser o premiado, o que só seria vantajoso para esse clube e para o Algarve?

Cremos que a Associação de Faro procedeu de maneira injustificável, indo discordar da alteração, que era desejo velho de todos ou quase todos os clubes do Algarve.

CAPITALISTAS!!!

Desejam empregar o v' capital absolutamente seguro? Consultem «A CONFIDENTE», que imediatamente lhes indicará a maneira mais prática e segura da s/ colocação, pois nos seus «dossiers» possui vários prédios para venda, tanto em Lisboa como nos arredores, a darem alguns deles o rendimento de 8%.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA: — ROSSIO, 3-2.º PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º

Telefs. 21591-30257-367765-367767

Telefs. 28721-27011-31309-31729

O CAMPISMO

Conclusão da 1.ª página

ta «Estrela Cintilante», eles foram, naquele maravilhoso retiro de Campismo, os atenciosos hospedeiros, que nos deram as mais lisonjeiras boas-vindas, não só franqueando-nos o campo como auxiliando-nos a instalar as barracas e fornecendo-nos água, sempre em pronta e comovedora solicitude.

A lhanesa e platonismo deste gesto tão simpático revela, sem dúvida, as virtudes morais que ao Campismo estão ligadas; todavia, põe em destaque o civismo e a correcção da boa gente dessa terra, que nos parece ter em alto apreço o culto de bem-fazer.

Infelizmente, só ali ficámos um dia, quanto bastou, porém, para guardarmos bem fundo, na nossa alma, a imensa gratidão a Vila Real.

A esses garbosos rapazes, a essa linda terra e a V., portanto, o nosso reconhecido BEM-HAJA.

Com a mais respeitosa consideração, Júlio A. Martinho — Rua Cidade da Horta, 48-4.º-Dto. — Lisboa.

Fernando Caiado

Antes da partida para Madrid integrado na representação do Sport Lisboa e Benfica que está a disputar a taça latina, naquela capital, esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa e filho, o conhecido internacional, Fernando Caiado.

Cine-Foz

DOMINGO, O que o céu permite, com Jane Wiman e Rock Hudson.

(Para maiores de 17 anos).

QUINTA-FEIRA, Lady Godiva, com Maureen O'hara e George Nader.

(Para maiores de 12 anos).

BREVEMENTE, Vera Cruz, em superscópio.

O Cine-Clube

APRESENTA Lágrimas de Sangue

Na terça-feira, às 21 e 30, realiza o Cine-Clube local mais um espectáculo no Cine-Foz, com o filme «Lágrimas de Sangue», que tem por cenário a União Sul-Africana e em que se foca o tema da vida desolada e miserável do negro.

VENDE-SE

Aerodinamo 6 Volts, completo. Telefonia Phillips, 6 Volts. Tudo em perfeito estado.

Apartado 28 — Portimão.

Funcionalismo público

O Diário do Governo publicou a lista de classificação dos concorrentes aprovados nas provas finais (série B) para o provimento de lugares de operador do quadro de reserva dos C. T. T., aberto na Circunscrição de Exploração no Algarve.

—Foi transferida, a seu pedido, de Lisboa para Vila Real de Santo António, a telefonista de reserva sr.ª D. Bárbara da Paz Fernandes.

TAXI

DD-20-74

Legalizado para viagens ao estrangeiro.

Telefones: 10, - ou da 1 às 9 da manhã - 233.

Proprietário, António Martins (Luís), Praça Marquês de Pombal—Vila Real de Santo António.

Pensão

Casal sem filhos recebe estudantes durante a época de exames e ano lectivo.

Rua Duarte Pacheco, 64, r/c — Faro (a 200 metros do liceu).

O ensino no Algarve

Foi rescindido o respectivo contrato, a seu pedido, por ter sido provido noutra cargo público, o sr. António da Silva Lourenço, aspirante da Escola Industrial e Comercial de Silves.

— Foi nomeado adjunto do delegado do Distrito Escolar de Faro, no concelho de Lagos, o sr. José Ventura Neto Cabrita, professor da escola masculina da sede do mesmo concelho.

— Foi colocada, em comissão, na escola feminina n.º 2 da sede do concelho de Olhão, a professora do quadro de agregados do Distrito Escolar de Faro, sr.ª D. Durvalina Costa Rodrigues.

— Está aberto concurso documental, perante a direcção do Distrito Escolar de Faro, para o provimento dos seguintes lugares nas Escolas do ensino primário elementar indicadas: Mistas: Marim e Pereiro (Olhão); e Santo Estêvão (Silves).

EMPREGADO

PRECISA-SE, para ajudante de balcão num café de Vila Real de Santo António. Ordenado 400\$00.

Resposta a este jornal, ao número 40, indicando referências.

NECROLOGIA

Bernardino Gomes Baptista

Faleceu, em Olhão, o sr. Bernardino Gomes Baptista, de 89 anos, viúvo, natural de Vila Real de Santo António, irmão de D. Francisca, D. Emília e D. Conceição Gomes Baptista e de Manuel, Sebastião, José, João, Rafael e Pedro Gomes Baptista, todos falecidos.

Era pai dos srs. Joaquim Gomes Baptista, gerente da Farmácia Baptista, em Faro, e Manuel Gomes Baptista, comerciante, e avô dos srs. dr. Afonso Joaquim Baptista, professor do ensino técnico, e escriptor Rui Manuel Afonso Baptista.

Brites Luz dos Santos

Faleceu a sr.ª D. Brites Luz dos Santos, de 68 anos, natural de Alvor (Portimão) e há muitos anos residente nesta vila, viúva de António dos Santos, que foi proprietário do antigo Café 5 de Outubro. O funeral esteve a cargo da Agência Viegas.

Também faleceram:

Em LISBOA: O sr. António Inácio Primitivo, de 31 anos, motorista, natural de Faro, filho da sr.ª D. Laura das Dores Faleta e irmão do sr. Domingos Proença Primitivo.

— a sr.ª D. Augusta Crato Simões Fogaça, de 86 anos, natural de Aljezur, mãe da sr.ª D. Carminda de Almeida Crato Cardador.

— a sr. D. Ana Vieira Verdu, de 55 anos, natural de Silves, casada com o sr. Mário dos Reis Verdu.

Em LAGOS: o sr. José Vicente Dias Gaveta, de 61 anos, comerciante.

— o sr. José Reis, de 70 anos, funcionário aposentado da Alfândega.

— a sr.ª D. Ana Vitória Dias, de 75 anos, viúva.

Notas & Reparos

Parque de Campismo

No dia 28 de Maio, procedeu-se à inauguração solene do Parque de Campismo, localizado na mata nacional, proximo de Monte Gordo. Rejubilámos, enfim!

Em rega, quando se inaugura algum edificio ou melhoramento acabado de construir, supõe-se logicamente que está terminado, ou em vias disso, e que vai efectivamente ser posto logo a funcionar, partindo-se do principio de que dispõe, ao menos, das condições essenciais que permitirão a sua abertura ao público. Assim pensamos nós e assim pensamos também, certamente, os campistas de fora da região, que tomaram conhecimento da festiva inauguração pelos jornais.

E foi talvez nesta suposição que apareceram por aqui dois casais estrangeiros, dispostos a passar ali uns dias de férias. Mas sucedeu que ficaram logo desapontados por não encontrarem qualquer guarda a recebê-los, no recinto. O guarda — é claro — não podia lá estar, pela simples razão de não haver guarda nenhum. E o pior é que, não existindo guarda, também não pode haver quem defenda as torneiras e outras instalações da rapinância e vandalismo dalguns incolaus cafróides das cercanias. Por isso, não há também torneiras nas canalizações; e não havendo torneiras, é evidente que não pode aparecer água, pelo que os campistas que não saibam prevenir-se e utilizar o «sistema D» terão de contentar-se com a salsa linfa do mar e ficarem olhando para as excelentes instalações ali construídas, mas por enquanto rigorosamente fechadas a sete chaves.

Foi o que aconteceu aos nossos dois casais estrangeiros, que por fim tiveram de retirar-se, decepcionados e possivelmente com ganas de perguntar a alguém destas bandas turísticas se a palavra inauguração terá por aqui um significado diferente do que é usual no resto do mundo.

Não desejamos fazer ironia fácil com assuntos sérios, mas os factos aí estão, e contra eles não sabemos que argumentos poderão utilizar-se. Nem isso, de resto, interessaria aos lamentáveis efeitos de contra-propaganda turística produzidos, justamente, pela desilusão e espanto nos campistas nacionais e estrangeiros que venham, de boa mente, instalarem-se na mata pomballina, atraídos pela notícia aliciante da inauguração de boas instalações. Figurem-se como ficarão, quando se lhes depare a penosa realidade que apontamos.

Seja qual for a determinante de tais deficiências, contamos com a boa vontade das entidades a quem o caso diga respeito, para dar-lhe pronta solução, porque vai nisso o prestígio do turismo nesta zona e pode comprometer-se, pela simples falta de uma guarda (já não há quem queira empregar-se?), o esforço já feito para bem recebermos os visitantes cultivadores da salutar modalidade desportiva que é o campismo.

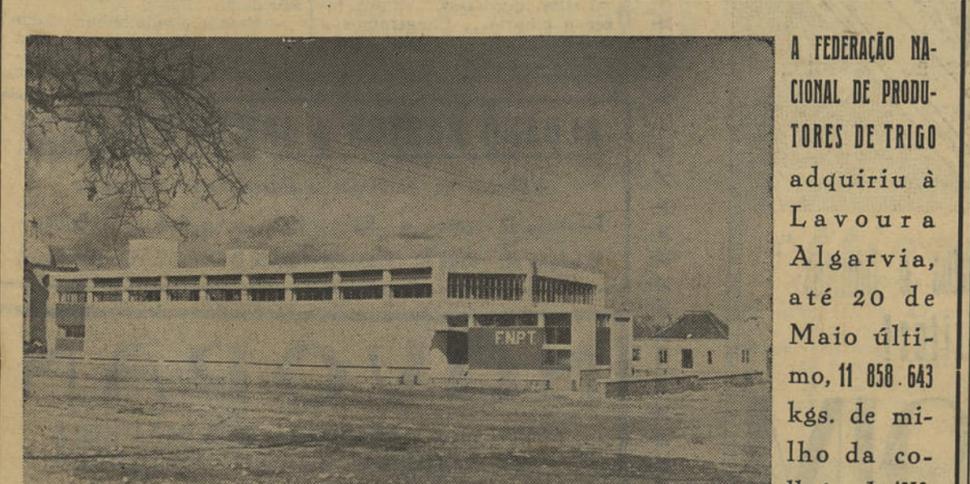
A «delícia» dos ciclistas

Abençoado seja o progresso, em geral, e benditas sejam, em particular, certas formas do mesmo, não diremos todas.

Uma delas, que veio permitir aos nossos «nicolaus» e «barbosas» amadores consumirem gasolina nos seus liliputianos motores, em vez de queimarem glucose nos músculos, a pedalarem para vencer o espaço, permitindo rápidas e longas deslocações quase «indolores», foi realmente um grande achado: — o ciclomotor.

Foi, não? seria... se não houvesse o barulho com que nos atormentam, em espirros explosivos, que nos obrigam a lançar anátemas contra tão negregada invenção e mandá-los... comprar lambretas, que são menos escandalosas. Mas pior ainda que o incómodo e implicative ruído normal da maquina (não haverá processo técnico de reduzi-lo?) é o desprante de certos «desportistas» de meia-tijela, que se comprazem em forçar os roncões do monstrozinho, talvez atingidos — eles — por um complexo de primitivismo que lhes faz crer que as outras pessoas só os notam e os tomam a sério se fizerem muito, muito barulho...

Quem acode aos nossos tristes ouvidos?!



A FEDERAÇÃO NACIONAL DE PRODUTORES DE TRIGO adquiriu à Lavoura Algarvia, até 20 de Maio último, 11 858.643 kgs. de milho da colheita de 1956.

O CELEIRO SILO DE TAVIRA

é a primeira instalação construída em Portugal especialmente para armazenar milho. Dispõe de uma instalação de secagem e tem capacidade para 1.400 toneladas.

Fogo de Artificio

AS BOMBAS

por SEBASTIÃO LEIRIA

AINDA no calendário não está de todo arrancada a folha do mês de Maio, começam as bombas de estro a dar sinal de si.

Noutra época do ano, semelhante arruado alarma e faz pensar se seria o rebentar dum pneumático ou um tiro, mas, ali, apenas nos diz: «At vem o S. João».

Tal bulha, então, pronunciando folgança, tem um som festivo.

Fala-nos de fogueiras de alecrim e moças pulando, com gratinados que espicam a audácia da rapaziada bombeadora. Fala-nos de bailaricos à volta de mastros de cheirosa murta, empavezados de patucos balões de manufactura doméstica, onde as vozes claras e alegres das raparigas, desfingando-se em cantigas populares de genuíno sabor, mandam ao diabo o «Jazz» e os seus maquiavelismos históricos de negroide possessão. Fala-nos, enfim, de toda essa mística ingénua que envolve os simples na noite de S. João.

Uma aqui, outra lá distante, as bombas, guardas avançadas da festança que se avizinha, entram de apertar o cerco numa génética piscicola e, quando chega o Santo António, o estrondoso ganho foros de envinagrado despique entre velhas comadres, atacando-se e defendendo-se à vista de diabrura cometida por neto travesso.

Porém, não fica por aí. A coisa cresce, cresce em cada noite e, quando a de S. João chega, por fim, o estrelajar é já tão junto como malha de rede. Ai é quem mais pode ativar.

Crónica de Olhão

Reflexões à beira-mar

por ANTÓNIO MACHEIRA

O MAIS difícil vem depois. Nos primeiros momentos, é uma surpresa, uma autêntica revelação. O espírito desperta da letargia cômoda e estúpida que parece abarcar a atmosfera, os seres e as próprias coisas. Porque desperta? Eis uma divagação estéril, infinitamente complexa. Que sabemos, afinal, de nós próprios? O essencial é que despertemos. E tudo se transforma então, embora nenhuma modificação aparente aconteça. Eis o momento culminante da alma humana: a descoberta do mundo e de si mesma.

E o mais difícil surge, depois: a análise, a busca da verdade...

O que se esconde na paisagem? Não se revela ela integralmente, não nos envia a habitual mensagem de beleza? O mar não é belo? Aquela traineira que atravessa a ria, em direcção à barra, não representará um símbolo? Mas... (E um rosto moreno, olhos escuros e sorridentes, surge no horizonte. É um moço pescador, amigo meu, que faz parte da companhia duma traineira. Oiço a voz dele, na véspera, queixosa e amarga: «Vocês não sabem nada, nada. Tudo é muito bonito, sim, mas visto de fora. Vida desgraçada, esta. Em terra todos trabalham tantas horas. Aos domingos, podem passear à vontade. No mar, trabalhamos de noite, chegamos a terra de manhã, almoçamos, queremos dormir um bocadinho, e já nos estão a chamar ao princípio da tarde... Bela vida, sim senhor!») E algo de inexplicável acontece, uma espécie de vibração visível, que se espalha por toda a paisagem. A beleza não se alterou, a poesia continua nos rolos de espuma que a proa do barco vai fabricando, no sol que brilha como nunca. No entanto, já não é a mesma coisa. A paisagem parece envergonhada.

A contemplação, claro, fracassa redondamente. O espírito não quer apenas evasão, recreio, beleza; milhares de sensações reconditas reclamam também o seu incontestável direito à vida. O vento agita a água e provoca-lhe ligeiras erupções de espuma. A traineira de há pouco já desapareceu numa apoteose de raios e de luz. Outras duas vêm a sair da doca nova. A água agita-se docemente, como os cabelos daquela criança que corria, há momentos, pelo largo cheio de sol. Uma blusa ligeira cobria-lhe metade do corpo, deixando-lhe o rabinho à vela, gorducho e vermelhinho. Parei, deliciado. O miúdo olhou para mim e riu-se. Depois, gaiato, uns olhos azuis deslumbrantes, puxou-me pelas calças. E o monstruoso surgiu na sua vizinha cristalina e astuta: «Dá-me um t'stão! Dá-me um t'stão...»

Houve uma falha qualquer. O meu, é ridículo dizê-lo, o meu cérebro deixou de trabalhar. Sinto-me tão estúpido como aquela pedra isolada que acolá parece fitar-me. Se me atrassem neste momento para a água, um polvo agarrar-me-ia por uma aresta e faria de mim, miserável mineral sem préstimo, o portal do seu esconderijo.

E, caso curioso, é de acentuar o recrudescimento notável que de ano para ano se vem verificando no número de estalos e de seus atiradores.

É uma verdadeira festa de estalo. De estalo que, por vezes, se concretiza em «estalos» na cara dos fogueiros, quando tocam um sujeito mais peludo que não se compadece com explosões dentro da periferia da sua segurança.

As vezes, a profusão ruidosa leva-nos a pensar na quantidade de dinheiro assim transformado em berros e fumo de pólvora, mas também nos lembramos assim: Se ele há tanto dinheiro mal gasto sem nada melhorar, que importa que o povo inverta uns patucos nessa permitida maneira de fazer barulho, de dar um ar de si, da sua existência, na noite das suas festas?

Bem se lhe prega que isso é uma brincadeira bruta, de graves consequências, por vezes constituindo perigo para as crianças, para os cardíacos ou para qualquer desprevenido transeunte.

Bem se lhe exemplifica que muitos bombeadores têm ficado cegos ou privados de dedos, por bombas de ras-linho traçoireiro ou mal fabricadas.

Bem se lhe diz de fatos queimados, de casas incendiadas, do diabo a sete, mas tudo é em vão.

Vão atirando sempre, esperançados em que nada aconteça nem suceda mal a ninguém.

É, realmente, assim, a esperança popular. A sua boa-fé — desde sempre — é um facto sem limites.

São os simples, os frívols, quem se entretêm, enchendo de alarido a noite de S. João.

Folgam com o «berro» das bombas e com a indignação dos circunspectos, que se afastam a largas passadas, enchendo a acção de adjectivos tanto ou mais arrasantes que as próprias bombas.

Ai, se as pragas se corporissem, quem havia de ver, na noite folclórica, a quantidade de gente correndo para o hospital, banhada em sangue, com os ossos estoirados feitos em moínha ou a «tampa da cabeça» pendurada para o lado!

É que é realmente curioso ouvir a fé, o rancor, a cólera fervente com que muita gente lança o anátema

GRANDE EXIBIÇÃO das marchas de Faro depois de amanhã na Feira Popular

JEM decorrido, como era de esperar, com grande animação a Feira Popular de Faro.

Amanhã à noite, exibir-se-ão, no recinto de festas, as Marchas do Alto de Rodes e do Montenegro.

Depois de amanhã, feriado do concelho, as quatro marchas concentrar-se-ão, cerca das 22 horas, junto do edifício da Câmara Municipal e dirigir-se-ão para a Feira Popular, percorrendo o seguinte trajecto: Rua do Município, Jardim Manuel Bivar, Rua D. Francisco Gomes, Rua de Santo António, Largo da Pontinha (paragem em frente da casa da Mocidade Portuguesa), Rua do Pé da Gruz, Rua do Ferregial e Feira.

Seguidamente: exibição e classificação das Marchas pelo respectivo júri e distribuição dos prémios: taças Governo Civil de Faro, Junta de Província do Algarve, Câmara Municipal de Faro, Companhia de Seguros «Império» e placas aos quatro concorrentes, oferecidas pela Organização, denominadas «Ao espírito de boa compreensão».

Francisco Rodrigues Tenório

Do sr. Francisco Rocha Tenório, filho do que foi grande industrial conserveiro Francisco Rodrigues Tenório, recebemos uma carta a agradecer a homenagem prestada pelo *Jornal do Algarve* à memória de seu pai, por ocasião do cinquentário do seu falecimento.

generalizada na quadra: «Não te sabiam rebentar os ossos assim!»

As pragas chovem, as injúrias contra-atacam, as «pessoas-bem» incomodam-se, as velhas não se dão caladas; é um clamor maléfico, pertinaz, que não dá tréguas aos portins, que lhes serão jogadas em cima, matando tudo duma vez.

Antes as de S. João, as do povo, que povo somos nós e assim nos amamos reciprocamente.

A DEFICIENTE DISTRIBUIÇÃO DO CORREIO

Conclusão da 1.ª página

provoca às pessoas ou entidades adstritas ao facto citado.

Quem superintende nos Correios poderá alegar que não tem culpa de os bancos fecharem mais cedo, aos sábados. É claro que não tem! Mas isso não acontece por esse facto, pois que nos outros dias — chegando o comboio-correio à hora normal — a «única distribuição» que é feita fica despachada antes das 12 horas.

Que motiva, então, o atraso verificado aos sábados? Simplesmente, o «Jornal do Algarve» que, devido à sua expansão, causa sérias perturbações no serviço dos correios.

Peço-lhe, sr. director, que não veja nesta alusão nem censura nem reclamo ao seu jornal, pois é outro o meu intento — apontar factos, para concluir que, ante os factos consumados, só resta ao sr. correio-mor tomar as providências adequadas às circunstâncias, que é como quem diz: mandar prover o quadro da estação de mais pessoal, reconhecido, como está, que é na falta de pessoal que reside a causa de todas as deficiências, até mesmo aquelas que se observam nos serviços de balcão.

Esta, sim, é que é a medida que se impõe — e não a adoptada no período das Festas, com a correspondência de «franquia reduzida», que já tem chegado ao seu destino três semanas depois da sua expedição!

É, uma vez que falei do assunto, não acho inoportuno lembrar a necessidade — já ventilada na imprensa local — de ser criada uma nova zona de distribuição postal, que abraça a populosa área das Hortas, o que traria muitos benefícios ao concelho.

Cria-me, sr. director, etc.

Um assinante do «Jornal do Algarve»

A Administração dos C. T. T. TOMOU PROVIDÊNCIAS

Da Central dos C. T. T. tiveram a amabilidade de telefonar para a nossa Delegação em Lisboa, a comunicar que foram tomadas providências no sentido de fazer-se regularmente a distribuição do *Jornal do Algarve*.

Os nossos agradecimentos ao sr. correio-mor pelas providências adoptadas e pela gentileza da comunicação telefónica.

O *Jornal do Algarve* vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua de Sto. António, 14.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Deus fez os cravos. Depois, Sem cuidar de ideias loucas, Dum deles, cortado em dois, É que fez as nossas bocas...

GINA

O problema da sobrevivência

Pergunta-se: a sobrevivência é um problema individual? E responde Ashley Montagu, no «Jornal de Psicologia Social»: «Alguns tipos da vida social estão presentes, mesmo nos organismos mais baixos». Entre os animais e igualmente entre os homens, a sobrevivência depende tanto da habilidade individual em cooperar com os outros, como da sua própria força, agilidade e coragem. A segurança para a raça humana não pode existir sem a cooperação. Esta, por sua vez, exige uma atitude de «mutualismo», ou uma boa vontade individual para amar, crer e depender uns dos outros.

Portuense notável

Bernarda Ferreira de Lacerda, ilustre dama portuguesa, nasceu na cidade do Porto, em 1528. Conhecia perfeitamente o hebraico, o grego e o latim, sendo muito versada em ciências matemáticas, filosóficas e históricas. Cultivou a música e foi insigne no debuxo e na miniatura. Falava também muitas línguas vivas e fazia versos. Filipe IV convidou-a para mestra dos infantes, mas a proposta régia não foi aceite por ela. Os livros de versos que tornaram famoso o seu nome são: «Soledades do Buçaco» e «Espanha libertada». Pertencem-lhe também os argumentos em oitavas que se lêem na frente dos diversos cantos da «Ulysséa» e da «Malaca conquistada». Promoveu a fundação, em Goa, de um convento de carmelitas descalças.

Conselhos para vencer

Um dos muitos antecessores da famosa família dos multimilionários Rothschild teve um dia o gracioso capricho — deveras inédito! — de mandar ornamentar o seu escritório comercial com delicados e repetidos letreiros artísticos, nos quais se liam as máximas seguintes:

Evita os lícores.
Procure ir para diante, sem atropelar ninguém.
Nunca desanimes. Seria cobardia.
Não fales demasiado dos teus negócios.
Se cortês para toda a gente.
Emprega bem o teu tempo.
Se activo e recto em tudo.
Paga prontamente as tuas dívidas.
Evita contra-las.
Suporta com paciência os incómodos.
Não contes nunca com o acaso.
Não traves relações inúteis.
Se valoroso na luta pela vida.
Mantém, como coisa sagrada, a tua integridade.
Não aparentes mais do que aquilo que és.
Toma tempo para considerar os assuntos e decidir-te pelo positivo.
Examina-te profundamente, até ao mínimo; faz o mesmo com os teus negócios, e vencerás.
Trabalha com energia.
Com trabalho, alcançarás o êxito seguro.

... E, finalmente, este original membro dos famosos Rothschild, quando os seus visitantes não ligavam importância às legendas, chamava-lhes a atenção, acrescentando que só tendo bem presente aquelas máximas escritas para todos, o homem alcançaria situação invejável na vida...

Leitor, decora-as. Vamos fazer o mesmo... Chegaremos a multimilionários?! Quem sabe...

Como ser simpática

Quantas vezes nos surpreendemos ao ouvir dizer de uma pessoa: «É muito simpática», e perguntamo-nos como se consegue a sedução que notamos em determinadas pessoas. Há figuras que se animam. Iluminam-se os seus olhos, a sua voz é atraente e as palavras que pronunciam causam muito agrado. Compreende-se, então, por que irradiam atractivos. Alguém dirá que, evidentemente, tais pessoas são privilegiadas; engana-se, porém, ao fazer esta apreciação. Na verdade, estará diante de uma pessoa bem humorada, de boa e lúcida conversação, e que adquiriu essas qualidades cultivando o seu espírito e estudando ou melhorando a sua inteligência.

Tornar-se o centro de uma boa palestra e irradiar simpatia constitui, assim, um desejo que todas as mulheres poderão sentir e realizar.

Algumas linhas de filosofia

Tanto o preguiçoso como o homem de grandes feitos morrem de uma morte igual. — *Homero*.

Se um cego guia outro cego, ambos cairão no poço. — *S. Mateus*.

Só um imprudente se arrisca a ter espírito diante de pessoas que não conhece. — *Helvécio*.

Mulher que passa a vida à janela, fala de todos e todos falam dela.

Há três males que o trabalho afasta de nós: o aborrecimento, o vício e a miséria.

Gambém na cozinha se pode ser artista

Coolho corado no forno — Esfrega-se, cuidadosamente, com malagueta e limão o coolho com que se fez o caldo para a sopa. Põe-se num tabuleiro, com cebolinhas pequeninas, rodas de cenouras, batatinhas redondas e pequenas, um ramo de cheiros, banha, manteiga, uma colher de caldo e meio decilitro de vinho branco. Deixam-se corar e cozer as batatas e as cebolas, e serve-se em seguida.

Remédios caseiros

Assegura-se que o chá de tomilho dá um sono tranquilo e reparador e que é, por consequência, bom para as insónias.

— O cozimento das folhas de agrimónia, na proporção de trinta gramas para um litro de água, é aconselhável em gargarejos contra as anginas e estomatites.

O doce nunca amargou

Bolinhos de Cabinda — Um ovo e uma gema, 125 grs. de manteiga, 125 grs. de açúcar e 250 grs. de farinha.

Batem-se o ovo e a gema com o açúcar e a manteiga, e depois junta-se a farinha. Fazem-se bolas pequenas e põem-se num tabuleiro untado. Escalda-se uma porção de amêndoas, pelam-se, espeta-se uma em cada bola. Depois, vai ao forno.

É agora não ria!

Um sujeito vê um cavalo sair duma taberna. Entra e diz ao dono:

— Eu nunca tomara a sério essas histórias de cavalos que vão à taberna pedir um copo.

— E são inverosímeis. Aqui nunca veio nenhum...

— Mas agora mesmo eu vi um sair daqui...

— Esse não veio beber um copo; veio perguntar que horas são...

ALBANO BASTOS & IRMÃO, LIMITADA

Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica

Fabricação de pupitros • Madeiras serradas e aplainadas • Caixotaria

Telefone 35—AREAL-PAMPILHOSA DO BOTÃO - (Portugal)

NOVOPAN

MADEIRA MELHOR QUÊ MADEIRA NÃO EMPENA • NÃO APODRECE

Para: MÓVEIS, PORTAS, DECORAÇÕES, MÓVEIS PARA COZINHA, PORTAS DE CORRER, LAMBRINS, TECTOS, CABINAS, etc., etc.

LARGAMENTE UTILIZADO NA CONSTRUÇÃO NAVAL

Companhia Geral de Combustíveis

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 1-2.º Esq. — Telef. 22361/2

PORTO — R. Mouzinho da Silveira, 6-2.º — Telef. 23682/3



O óleo deixa dourados e bonitos
Todos os seus fritos!

Óleo DE AMENDOIM